

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO
NÍVEL MESTRADO

**TIRO DE LAÇO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA PARTICIPAÇÃO DAS
MULHERES EM UMA PRÁTICA GAÚCHA DITA MASCULINA.**

AMANDA J. PIRES

PORTO ALEGRE

2019

AMANDA J. PIRES

**TIRO DE LAÇO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA PARTICIPAÇÃO DAS
MULHERES EM UMA PRÁTICA GAÚCHA DITA MASCULINA.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano-Representações Sociais do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

**Porto Alegre
2019**

CIP - Catalogação na Publicação

Pires, Amanda
TIRO DE LAÇO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DA PARTICIPAÇÃO
DAS MULHERES EM UMA PRÁTICA GAÚCHA DITA MASCULINA. /
Amanda Pires. -- 2019.
116 f.
Orientador: Marco Paulo Stigger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Mulheres. 2. Participação. 3. Gênero. 4.
Rodeios. 5. Tiro de laço. I. Stigger, Marco Paulo,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Marco P. Stigger, por ter aceito minha candidatura ao mestrado. Por toda sua ajuda, disponibilidade, ensinamentos e leituras atentas. Me sinto honrada em ser sua orientanda.

Aos meus pais, Nilda e Manoel, que tornaram as coisas mais fáceis para que eu pudesse viver esse momento e ir em busca dos meus objetivos. Agradeço por estarem ao meu lado em todos os momentos, sempre apoiando as minhas escolhas. Amo muito vocês!

Ao Grupo GESEF, pelos debates, conversas e leituras atentas ao meu trabalho.

Ao GEPRACO, grupo de estudos onde iniciei, durante a graduação. Sou grata por todos os momentos que oportunizaram aprendizagens. Em especial as colegas Taiana Valêncio da Silva e Fabiana Mayboroda, por todas as conversas, leituras do meu trabalho e apoio.

Gostaria de agradecer ao meu orientador da graduação na UERGS, professor Dr. Leandro Forell pelos ensinamentos que me conduziram ao ingresso no mestrado e colaboraram na construção desse trabalho.

Ao CNPQ, pela ajuda financeira e ao PPGCMH pela oportunidade de realizar esse estudo.

RESUMO

A presente dissertação apresenta uma discussão sobre a participação das mulheres em uma prática dita masculina da cultura gaúcha, o tiro de laço. Para realização de tal estudo optei por realizar uma pesquisa etnográfica nos rodeios que aconteciam no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Foram 13 meses em que permaneci em campo, onde desenvolvi observações participantes em rodeios, em reuniões de uma entidade tradicionalista gaúcha e em treinos, assim como realizei sete entrevistas. A escolha por realizar a pesquisa em rodeios sucedeu, primeiramente, pela minha proximidade com esse contexto. Ao frequentar os rodeios percebi que ali era um campo onde várias questões mereciam ser observadas mais a fundo. Posteriormente, surgiu-me um questionamento: como dá-se a participação feminina no tiro de laço e como as mulheres vêm se inserindo e estão engajadas no contexto da cultura gaúcha e dessa prática em particular? A partir daí pude verificar, apoiada no trabalho de campo, que por mais que eu estivesse engajada em olhar as mulheres que laçavam, eu também precisava olhar para aquelas que não laçavam, mas que estavam presentes nos rodeios e atuando de formas diferentes (cozinhando, torcendo, movimentando um comércio de produtos destinados às mulheres). Em relação a categoria das mulheres que competiam no tiro de laço, constatei que a família, estar indo a rodeios e ver outras mulheres competindo, foram essenciais para essas mulheres iniciarem nessa prática. Outro ponto destacado pelas competidoras era o treinamento. Para elas era essencial treinar para que pudessem ter um bom rendimento nas competições. A rivalidade que era motivada pela não divisão da premiação, foi outro ponto de destaque encontrado na relação entre as competidoras.

Palavras chaves: Mulheres. Gênero. Rodeios. Tiro de laço. Participação.

RESUMEN

Esta disertación presenta una discusión sobre la participación de las mujeres en la llamada práctica masculina de la cultura gaúcha, el tiro con lazo. Para realizar tal estudio, decidí realizar una investigación etnográfica sobre los rodeos que se llevaron a cabo en el litoral de Rio Grande do Sul. Pasé 13 meses en el campo, donde desarrollé observaciones de participantes en rodeos, reuniones de una entidad gaúcha tradicional y en entrenamientos, igual que hice siete entrevistas. La elección para llevar a cabo la investigación de rodeo se debió principalmente a mi proximidad a este contexto. Mientras recorría, me di cuenta de que este era un campo en el que varios temas merecían una observación más profunda. Más tarde, surgió una pregunta: ¿Cómo es la participación femenina en el tiro con lazo y cómo se insertan las mujeres involucrándose esta práctica en particular en el contexto de la cultura gaúcha? Desde ese punto, pude verificar, apoyada por el trabajo de campo, que por más que me ocupé de mirar a las mujeres que hacían encaje, también necesitaba mirar a las que no lo hicieron, pero que estaban presentes en los rodeos y actuaban de manera diferente (cocinar, animando, moviendo un comercio de productos destinados a mujeres). Con respecto a la categoría de mujeres que compitieron en el tiro con lazo, descubrí que la familia, estar yendo a los rodeos y ver a otras mujeres competir, era esencial para que estas mujeres iniciaran con la práctica. Otro punto destacado por los competidores fue el entrenamiento. Para ellos era esencial entrenar para que pudieran tener un buen desempeño en las competiciones. La rivalidad que fue motivada por la no división de los premios fue otro punto destacado en la relación entre los competidores.

Palabras llave: Mujeres. Género. Rodeos. Tiro con lazo. Participación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:Tiro de laço.....	22
Figura 2: preparação do jantar.	59
Figura 3: Reunião dos homens	60
Figura 4: As torcedoras	66
Figura 5: O jeito de ser mulher gaúcha	72
Figura 6: Acessórios tradicionalistas	72
Figura 7: Desfile Farroupilha	74
Figura 8: Modalidade das Prendas.....	78
Figura 9: As dez mais do laço	79
Figura 10: Todos os olhares nas prendas laçando	88
Figura 11: Dupla de Prenda e Peão	92
Figura 12: As mulheres que laçam	97

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Cidades do Litoral Norte	54
--	----

LISTA DE SIGLAS

MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
PL	Piquete de Laçadores
GESEF	Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. CONTEXTUALIZAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO	14
1.1 O gaúcho	15
1.2. Os primeiros passos do movimento tradicionalista gaúcho	17
1.3. Os rodeios crioulos gaúchos e a prática do tiro de laço	20
1.4 A invisibilidade da mulher no movimento tradicionalista gaúcho	26
1. 5 Das questões de gênero para o problema de pesquisa	30
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA	46
2.1 Etnografia, algumas considerações sobre o trabalho de campo.	51
CAPÍTULO 3. “Tive que ficar em casa cuidando dos bichos para ele ir laçar”: AS DIFERENTES FORMAS DAS MULHERES ESTAREM E PARTICIPAREM DOS RODEIOS CRIoulos.	57
3.1 O comércio gerado pela participação das mulheres	69
CAPÍTULO 4. “ELA LAÇA IGUAL A UM HOMEM”: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA PRÁTICA DO TIRO DE LAÇO.	76
4.1 As Prendas no Laço.....	76
4.2 “Preciso treinar para conseguir competir com outros laçadores”	98
4.3 “Existe amizade sim, mas tem as de nariz empinado”: a rivalidade entre as competidoras	102
CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

Desde criança frequente rodeios que acontecem no Litoral Norte/RS, acompanhando alguns familiares que participam de provas campeiras, além de participar, por alguns anos, de uma internada artística de um CTG. Por muitos anos acabei me envolvendo com questões relacionadas ao Movimento Tradicionalista, sendo como acompanhante de praticantes do tiro de laço ou como integrante de uma internada artística.

Ainda que essas considerações sobre a minha vivência nos rodeios colaboraram para a escolha do campo de pesquisa, outras também foram relevantes, como a minha aproximação com a etnografia através do meu ingresso no GESEF (Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física).

Ao ingressar no programa de pós-graduação optei por apresentar um projeto onde a pesquisa a ser realizada seria no contexto dos rodeios; inicialmente, a proposta era ver aquele ambiente como um espaço de lazer para os competidores. Nesse sentido, o tema 'lazer' no contexto dos rodeios seria o foco da pesquisa.

Assim, a escolha para realizar a pesquisa em rodeios surgiu a partir de leituras de textos etnográficos que eu vinha realizando ao participar do GESEF, voluntariamente. A leitura de textos sobre etnografia, junto dos debates com o grupo de pesquisa, me conduziram a uma questão presente nesse método: o estranhar.

Após algumas reflexões feitas a partir das leituras no GESEF, passei a ponderar sobre o ambiente do rodeio e onde algumas práticas esportivas são desenvolvidas. Dessa forma, observava um lugar que era familiar, e, ao mesmo tempo, a começar estranhar alguns acontecimentos que, até então, me eram indiferentes – refiro-me, especificamente, à participação das mulheres no tiro de laço.

Como já explicitado acima, a proposta inicial do trabalho era outra. Contudo, como a presença das mulheres era numerosa nos rodeios e poucas participavam do tiro de laço, isso foi chamando minha atenção e o olhar passou a se voltar para questões relacionadas às mulheres e suas participações nos esportes. Levando-se

em conta que, via de regra, as mulheres têm uma menor participação em alguns esportes, principalmente nos que são ditos masculinos, como o próprio tiro de laço.

Em uma das primeiras observações nos rodeios, me deparei com uma mulher no cargo de patrão, situação na qual ela era responsável por organizar aquele evento. No discurso de abertura oficial do rodeio, relatou que diversas vezes ouviu “nas conversas de galpão” que seria incapaz de organizá-lo.

Ver mulheres competindo de prática essencialmente masculina, me fez ir buscar na história do início do Movimento Tradicionalista Gaúcho, qual era o função inicial destas, naquele universo. De acordo com Dutra (2012), dentro de um processo de construção da cultura gaúcha, a figura da mulher, denominada de prenda, foi idealizada para realizar atividades que estão baseadas em papéis sociais historicamente determinados para o gênero feminino. Assim, a parte administrativa e das competições estava voltada aos homens.

Porém, hoje as mulheres, aos poucos, vêm modificando esse cenário. Uma dessas mudanças foi eu ter encontrado a primeira mulher no cargo de patroa. No decorrer do trabalho, as questões relacionadas à gênero e à participação das mulheres no Movimento Tradicionalista Gaúcho, segundo alguns autores, evidenciam que as mulheres vêm lutando para ter seu espaço em diversos lugares: tanto na participação no Movimento Tradicionalista quanto ao realizarem esportes campeiros tidos como masculinos.

Inicialmente, como já elencado, as mulheres adentraram no CTG com uma única função: realizar atividades domésticas como cozinhar, costurar, dançar. Nas danças, nem tudo era permitido a elas: chula, por exemplo, é uma dança onde somente homens podiam participar. Com o surgimento das práticas corporais gaúchas, que são atividades relacionadas à cultura gaúcha, essa ‘divisão’ também pode ser observada. Nos rodeios, dificilmente, encontramos mulheres participando dos torneios de bocha, tocando gaita ou outro tipo de instrumento. Em outras práticas a mulher está começando a adentrar, como no tiro de laço.

Na prática do tiro de laço, assim como nas outras existentes na cultura gaúcha, têm como a maioria dos seus competidores, os homens. No entanto, na prática do tiro de laço estão começando a abrir espaços para as mulheres, até

mesmo com a criação da modalidade do “laço prenda”, que é uma competição destinada apenas ao sexo feminino.

Ao longo do primeiro capítulo, intitulado problematização/contextualização, busquei traçar o espaço da mulher dentro da cultura gaúcha, uma cultura que tem como um dos seus principais símbolos a figura emblemática do homem, colocando as mulheres em segundo plano.

Acompanhando essas questões relacionadas a tradição gaúcha no Capítulo I, apresento uma breve contextualização sobre o conceito de gênero, que aliado às análises sobre participação das mulheres no movimento tradicionalista, me levaram à pergunta da investigação: **como se dá a participação feminina no tiro de laço e como as mulheres vêm se inserindo e estão engajadas no contexto da cultura gaúcha e, dessa prática em particular?**

A pergunta da investigação me conduziu à etnografia, perspectiva metodológica que apresento no segundo capítulo. Nele apresento algumas concepções antropológicas da etnografia, ao mesmo tempo em que descrevo como a pesquisa foi realizada.

No capítulo três, intitulado “Tive que ficar em casa cuidando dos bichos para ele ir laçar”: as diferentes formas das mulheres estarem e participarem dos rodeios crioulos”, destacando-se a participação das mulheres no tiro de laço, tive como objetivo apresentar as diferentes formas das mulheres participarem dos rodeios. Neste capítulo procurei descrever as diversas atividades desenvolvidas por elas, sendo que muitas estão relacionadas a práticas domésticas, que por um determinado período estavam entre as quase únicas atividades relacionadas às mulheres.

O capítulo quatro aborda a participação das mulheres no tiro de laço. Como se deu a inserção delas nessa prática? Como elas se afirmam em um espaço com a maioria de praticantes homens? Nesse capítulo, algumas questões são levantadas pelas competidoras no que tange ao nível de rendimento delas em relação ao dos homens.

Para finalizar esse estudo, apresento as considerações finais, momento em que procurei desenvolver algumas sínteses acerca do que foi observado e analisado.

CAPÍTULO 1. CONTEXTUALIZAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO

Desde os primeiros passos dados após o início do Movimento Tradicionalista Gaúcho, podemos observar que a figura masculina é apontada como o foco principal da composição deste espaço. O homem passou a ser visto como um símbolo do Movimento, sua principal representação, onde foi lhe atribuindo algumas características, sempre voltadas a bravura. A concepção da figura do gaúcho como símbolo do Estado acabou por ocultar os índios, os negros e as mulheres e, diferente do homem que é apresentado como corajoso, a eles se constituiu um lugar à sombra deste 'herói' que é fielmente acompanhado do seu cavalo (Oliven, 1991). Outro ponto destacado neste capítulo são as relações de gênero, especialmente a relação das mulheres com as práticas esportivas. Como já citado, na cultura gaúcha, a mulher fica a margem do homem; dentro esportes podemos observar que essa situação não ocorre de forma diferente. Silveira (2008), durante sua pesquisa, ressalta que inicialmente as mulheres não tinham permissão para a prática do futebol. Após revogada essa posição em relação a participação feminina no futebol, passaram a competir também. No entanto "o futebol no Brasil praticado por mulheres não obteve sucesso, estrutura, organização e aceitação semelhante ao futebol masculino" (SILVEIRA, 2008, p.32).

Contudo, o que procuro fazer no decorrer das próximas linhas é tentar descrever como se deu início ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, a partir da imagem do Gaúcho, e também ao conceito de gênero. Fatos estes que junto ao trabalho de campo colaboraram para formulação de algumas questões.

1.1 O gaúcho

Existe um modelo que é baseado na representação de um passado que existiu na região da campanha¹, no qual a figura do gaúcho está relacionada ao comportamento dos homens que habitavam aquele espaço. Essa identidade foi se construindo até chegarmos à figura do gaúcho. Além das características dos homens que moravam na fronteira, foram adquiridos também atributos dos índios e dos negros, personagens importantes na construção da identidade gaúcha, mas que acabaram sendo ocultados, por tantos desconsiderados, mesmo que, por muitas vezes, se ouça falar que no gaúcho corre sangue de índio e que exista uma apropriação de muitos símbolos de ambos para a formação dos símbolos do Estado (OLIVEN, 2006).

Dutra (2002) descreve que nem sempre a imagem do gaúcho era vista com este apreço. A autora destaca que existiu durante os séculos XVII e XVIII um tipo social que era composto por desertores, aventureiros que praticavam atividades predatórias de extração do couro no extremo sul do Brasil, sendo identificados como guasca, gaudério e gaúcho, mantendo nestas três nomeações o mesmo significado de homens 'fora da lei'. Segundo a autora:

Foi em fins do século XIX, início do século XX, que surgiu a figura do gaúcho significando homem ligado às lides campeiras e ao trabalho pastoril nas estâncias, que também foi chamado como soldado nas frequentes disputas de fronteiras para combater os invasores espanhóis e platinos. Apesar dessa conotação de peão guerreiro não ter, de imediato, traduzindo-se na imagem de homem forte e virtuoso, começa aí a construção da imagem de herói que o gaúcho vai adquirir (DUTRA, 2002, p. 39).

Essa é a figura que se tem hoje do gaúcho como a ser idealizada a partir destes acontecimentos. Assim, como principais fundamentos à sua desenvoltura com a lida do campo e as participações nas guerras, o gaúcho foi adquirindo várias qualidades relacionadas a sua coragem e a sua bravura. A partir deste momento, a cultura gaúcha acabou se remetendo ao meio rural e pastoril do Rio Grande do Sul,

¹A campanha é a região do Rio Grande do Sul localizada na fronteira do Estado com o Uruguai

o que fez com que o elemento principal, a figura do gaúcho, seja ligada fortemente ao homem do campo ou peão de estância. Neto ressalta que:

[...] A figura mítica do gaúcho, ao qual me refiro, e que produz representações do passado, no presente, existiu dentro de um tempo determinado. Sua constituição se deu desde meados do século XVII, com a colonização, até metade do século XX com a modernização agrária sul-brasileira, promovida pela industrialização e pela urbanização, com todos os seus desdobramentos (NETO, 2009, p.13).

Ao longo deste hiato que compreendeu pouco mais de três séculos, se consolidaram as representações e as narrativas constituindo a cultura do gaúcho 'campeiro'. Desta forma, foi se construindo uma identidade e as suas representações no qual se idealizou a figura de um homem visto como um herói, que se repercute até os dias atuais.

As atividades realizadas nas estâncias foram concebendo uma conotação positiva à figura do gaúcho. De acordo com Gomes (2015), se evidencia que no início do século XX o termo gaúcho – originário da palavra “chaucho” do espanhol e “chaouch” do árabe, que tinha como significado pastor de animais – não era empregado como denominação às pessoas que moravam no Rio Grande do Sul. Porém, no decorrer do século XIX, o termo passou a ser usado para nomear os moradores sul-rio-grandense. Essa mudança pode estar associada aos Movimentos Tradicionalistas, que estavam começando a ganhar força durante o século XX e começavam a produzir uma narrativa positiva a respeito da imagem do gaúcho.

Outro ponto que vale destacar é o fato de que “a figura que é exaltada quando os tradicionalistas descrevem o Rio Grande do Sul é sempre a masculina, cabendo à mulher o papel subalterno de prenda”. (OLIVEN, 2006, p. 26). Dessa maneira, a figura emblemática do peão é que acabou tomando destaque na cultura tradicional do Estado. Sobre isso, Becker chega a dizer que:

As mulheres foram barradas desse espaço de socialização considerado fundamental ao 'modo de vida gauchesco'. Às mulheres destinaram-se as atividades menos valorizadas e silenciadas, do espaço privado, como as atividades domésticas e 'culturais', como as danças, os artesanatos, a culinária, etc (BECKER, 2010, p.6).

Assim como aconteceu com os Negros e Índios, no qual “o negro no Rio

Grande do Sul tem sua imagem relegada a segundo plano” (Oliven, 2006, p. 157), as mulheres acabaram ficando em uma posição inferior, na qual a figura do gaúcho acabou se tornando o símbolo principal desta cultura, restando à mulher apenas os afazeres domésticos e ao homem toda a notoriedade.

1.2. Os primeiros passos do movimento tradicionalista gaúcho

O tradicionalismo gaúcho é considerado por seus cultores como “o maior Movimento popular e de cultura em todo o mundo ocidental: 2 milhões de participantes ativos” (OLIVEN, 1983, p. 79).

Apesar de Oliven considerar um exagero os 2 milhões de participantes, ele reconhece o crescimento deste Movimento, que teve sua fundação na cidade de Porto Alegre. O Movimento Tradicionalista Gaúcho acabou proporcionando, na atualidade, uma cultura de hábitos e valores muito fortes relacionada ao Estado do Rio Grande do Sul, que é reconhecida e também vivenciada por pessoas até mesmo fora do Estado e do país. São diversos símbolos que representam os gaúchos e até mesmo o modo de falar. Mas isto nem sempre foi assim; após a Segunda Guerra Mundial, as metrópoles brasileiras foram sendo invadidas por novas tecnologias e pelo choque da cultura norte-americana. Muitos moradores do Estado começaram a se preocupar, temendo que as tradições pudessem ser deixadas de lado (DUTRA, 2002).

Pacheco (2003) descreve que por volta do ano de 1870 ocorreram algumas mudanças no setor pecuário gaúcho. Com o surgimento de novas raças de bovinos e com o crescimento de redes de transporte, fato este que acabou ocasionando algumas consequências para os moradores da campanha, fazendo com que muitos acabassem se mudando para a capital, eliminando assim algumas atividades no meio rural. Muitos dos costumes da tradição gaúcha, como as danças e as vestimentas eram oriundas do meio rural. Mas se as pessoas estavam sendo forçadas a abandonarem o lugar onde viviam para ir em busca de novas oportunidades na capital, como as tradições conseguiriam se preservar através dos tempos?

Luvizotto retrata que a primeira iniciativa que se tem registrada de se cultivar a tradição gaúcha foi em 1868, quando foi criada a sociedade Parthenon Literário, instituição que tinha como propósitos “exaltar a cultura gaúcha inspirada nos modelos positivistas europeus”. (2010, p. 34).

Mesmo a cultura gaúcha sendo exaltada pelo Parthenon, foi somente no de 1898 que surge a primeira agremiação tradicionalista, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre (OLIVEN, 1991). Essa associação se direcionou a promover festas, desfiles, palestras e outras atividades voltadas às tradições.

Um tempo depois, um determinado grupo de jovens ex-escoteiros, oriundos do interior do Estado e estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, foram liderados por Paixão Côrtes, Luiz Carlos Barbosa Lessa e Glauco Saraiva, a pensar em manter a tradição gaúcha viva. Este grupo acabou se tornando o responsável por criar dentro da escola um departamento de tradições gaúchas (OLIVEN, 1991). Não satisfeitos apenas com o desenvolvimento de um departamento que cultivasse as Tradições Gaúchas, estes mesmos rapazes foram responsáveis por fundar o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o CTG 35, no dia 24 de abril de 1948.

Nas discussões preliminares surgiu a proposta de fazer da associação uma espécie de academia tradicionalista, restrita a 35 membros, mas prevaleceu a ideia de abri-la a todos os que desejassem integrá-la. Os jovens – **todos homens**- passaram a se reunir nas tardes de sábado num galpão improvisado, na casa do pai de um deles. Tomavam mate e imitavam os hábitos do interior, queriam constituir um grupo que revivesse a tradição, e não uma entidade que refletisse sobre ela (OLIVEN, 1991, p. 30, grifo meu).

Em vista disso, os integrantes procuraram recriar o que acreditavam ser os costumes tradicionais do Estado. De acordo com Oliven, a partir de algumas entrevistas os membros fundadores:

Entrevistas realizadas com alguns desses fundadores, que continuam a ser figuras proeminentes no Movimento Tradicionalista Gaúcho, revelam que a maioria deles era formada por descendentes de pequenos proprietários rurais de área pastoris onde predominava o ‘latifúndio, ou de estancieiros em processo de descenso social. Sua presença na capital estava ligada aos estudos. Embora cultuassem valores ligados ao latifúndio, eles não pertenciam à oligarquia rural (OLIVEN, 1991, p.35).

Contudo, os primeiros a frequentarem as reuniões do primeiro CTG, os

fundadores, eram jovens que provieram do interior do Estado para estudar na capital gaúcha. Assim, o intuito ao iniciar esse movimento era dar continuidade no cultivo de hábitos interioranos.

Depois da Criação do Centro de Tradições Gaúchas 35, os seus idealizadores partiram para Montevideu, a fim de participarem de um evento cultural. Lá se depararam com diversos símbolos e elementos de outras culturas, constatando que no Estado havia uma grande pobreza de músicas e coreografias. Decepcionados com a carência de elementos que representassem a cultura do Estado do Rio Grande do Sul, Lessa e Paixão Côrtes voltaram ao Estado e realizaram um levantamento preliminar e se certificaram de que pouco ou quase nada existia sobre a música e a dança.

Durante dois anos de levantamento sobre músicas e coreografias da região, eles encontraram poucos registros. Assim, acharam que seria necessário conceber as primeiras músicas, e, por conseguinte, as danças tradicionais e as vestimentas foram surgindo para que o grupo pudesse se apresentar dentro do CTG.

Um dos principais argumentos para a criação do Centro de Tradições Gaúchas foi a preocupação de manter viva as histórias, as lendas, as canções, os costumes, entre outros aspectos que pudessem ser passados a outras gerações. Assim, quando não conseguiam encontrar vestígios da história do Rio Grande do Sul, eles acabavam criando. Sobre isso, diz Maciel:

No entanto, como as pesquisas não respondiam a tudo o que o movimento exigia (na intenção de personificar o gaúcho) os tradicionalistas foram aos poucos criando manifestações e práticas inexistentes no passado, preenchendo lacunas, adaptando e transformando elementos tradicionais a um novo contexto de utilização e assim criando a 'cultura tradicionalista' (MACIEL, 2005, p. 450).

As danças, as músicas e as coreografias foram criadas a partir de fragmentos construídos e reconstruídos. Sendo assim, Maciel (2005, p.450), considera que a "fidelidade histórica e pureza original", marcada pelos participantes do Movimento estaria "comprometida".

Após a criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, outros novos foram surgindo; somente no ano de 1954 que eles se reuniram pela primeira vez,

no I Congresso Tradicionalista realizado na cidade de Santa Maria (OLIVEN, 1991). Após o Congresso, os Centros de Tradição Gaúcha continuaram a se reunir, uma vez por ano, onde aprovavam propostas, tomavam decisões e também eram apresentadas novas teses².

No decorrer do XII Congresso, no ano de 1966 realizado em Tramandaí, fundou-se oficialmente o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG): instituição que tem como objetivo principal, padronizar as regras desse Movimento. O MTG passou a reunir a maior parte das entidades do Estado, transformando-se em incentivador, disciplinador e orientador das atividades dos seus filiados (OLIVEN, 1991). Segundo Neto (2009), durante o XII Congresso Tradicionalista, também foi aprovado o Estatuto do Movimento Tradicionalista Gaúcho, constando no seu artigo 2º, como um dos seus principais objetivos, unir os Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins, visando preservar a “ideologia tradicionalista”.

Entretanto, de acordo com Oliven (2006), o Movimento Tradicionalista Gaúcho, na atualidade, já não consegue mais supervisionar as representações culturais existentes no Estado, pois encontram-se diversas maneiras de ser gaúcho, que não obrigatoriamente passam pelo CTG.

Um dos principais motivos para a fundação do Movimento Tradicionalista Gaúcho foi a preocupação em manter os costumes do Estado; este Movimento que se originou em um colégio, acabou por ultrapassar os limites do Rio Grande do Sul. Oliven (1991), ressalta que no futuro venha a existir mais CTGs fora do Estado do que dentro do Rio Grande do Sul e que muitos dos seus integrantes talvez não sejam gaúchos natos.

1.3. Os rodeios crioulos gaúchos e a prática do tiro de laço

O que estou aqui denominando de ‘práticas corporais da cultura gaúcha’ são fenômenos que envolvem atividades relacionadas, prioritariamente, ao nível

²Durante os congressos realizados pelo MTG são apresentadas teses, que são textos relacionados ao Movimento Tradicionalista/ Cultura Gaúcha, que orientam as ações da instituição.

corporal e que se constituem a partir de manifestações culturais de características provindas do lúdico, como jogos, danças, entre outras práticas sociais. O termo “prática corporal” é compreendido pelas autoras Silva e Damiani como de “‘levar a efeito’ ou ‘expressar’ uma dada intenção ou sentido e fazê-lo, neste caso, por meio do corpo, como indica e permite, plenamente, a língua portuguesa”. (2005, 24). A escrita das autoras busca demonstrar que existem diversas formas de se construir expressões corporais, que por muitas vezes estão associadas à construção cultural e este sentido não estaria presente na expressão ‘atividade física’, essa que advém de um olhar biológico sobre o corpo, mais usual no contexto da Educação Física. Para Silva e Damiani (2005), as práticas corporais seriam o resultado de diversos processos de construções coletivas, no qual permitem vivências e experiências muito mais significativas a seus praticantes.

De acordo com Falcão e Saraiva (2009), as práticas corporais são manifestações que se expressam corporalmente,

No sentido de contribuir com essa delimitação conceitual e considerando, especialmente, os usos do termo nos diferentes campos de conhecimento, entendem-se práticas corporais como fenômenos que se mostram, prioritariamente, em âmbito corporal e que se constituem como manifestações culturais. Essas manifestações são compostas por técnicas corporais e é uma forma de linguagem, como expressão corporal. Constituem o acervo daquilo que vem sendo chamado de Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento (FALCÃO, SARAIVA, 2009, p.20).

Ainda de acordo com os autores o termo práticas corporais vem sendo utilizado por vários campos de conhecimento, sendo na Educação Física onde se utiliza com maior frequência.

A partir desse ponto de vista, identifiquei que no Estado do Rio Grande do Sul existem práticas corporais que estão relacionadas à cultura gaúcha, estando colocadas entre os principais símbolos do Estado, até pelas circunstâncias de aumento de participantes e espectadores. As referidas práticas corporais acontecem, por muitas vezes, dentro dos Rodeios Crioulos Gaúchos³, que são eventos organizados pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, que tem como sua

principal finalidade a preservação da cultura gaúcha.



Figura 1:Tiro de laço

A imagem acima é de uma prática da cultura gaúcha que acontece dentro dos rodeios crioulos do Estado do Rio Grande do Sul: o tiro de laço. Antes de explicar o que de fato é o tiro de laço, inicialmente, pretendo descrever o que são os rodeios crioulos gaúchos, que se diferem de outros⁴ rodeios que acontecem no Brasil.

Os rodeios crioulos gaúchos são eventos que acontecem em todo o Estado e até fora dele, ao longo do ano, onde se tem a finalidade de cultivar tradições gaúchas e algumas práticas esportivas⁵, artísticas e campeiras, como: dança, declamação, gaita, Jogo de tava; Jogo de truco de amostra; bocha campeira, tiro de laço e gineteada.

Geralmente os rodeios se iniciam na quinta-feira ou sexta-feira, onde ocorrem diversas modalidades de disputas, tanto na parte campeira, esportiva e na artística. No entanto como a pesquisa realizada ocorreu apenas na parte campeira,

⁴O que denomino de outros rodeios que acontecem no Brasil, são os que envolvem a prática competitiva que consiste em permanecer por até oito segundos sobre um animal, normalmente um cavalo ou touro.

⁵ As práticas esportivas, ditas por eles, são os jogos de bocha, truco. A artística está relacionada com as danças tradicionalistas, concursos de declamação, já a prática campeira é vinculada com atividades que envolvam animais. Todas essas práticas são competitivas

explicarei como funciona essa parte.

A parte campeira é dividida em modalidades, sendo que algumas necessitam de determinados critérios para que se possa competir, como no caso do 'laço prenda', que é destinado apenas às mulheres e no laço veterano⁶, apenas para competidores acima de sessenta anos. São diversas modalidades presentes nos rodeios, muitas, como essas citadas, necessitam de alguns critérios para a participação, outras, no entanto, não. Porém, na principal modalidade que é a do laço duplas⁷, todos estão habilitados a participar.

Para participar, faz-se necessário que os competidores paguem uma taxa referente ao valor da inscrição; esse valor muda conforme o rodeio. Além de pagar a taxa, é indispensável que todos os competidores sejam sócios de uma agremiação tradicionalista, pois no momento da inscrição é solicitado pelos responsáveis o cartão de sócio dos laçadores.

Os rodeios são eventos geralmente patrocinados pelas prefeituras das cidades onde estes ocorrem. A verba arrecadada serve para pagar as despesas do evento, sendo uma dessas, os prêmios ofertados aos competidores.

Estes eventos são abertos para todos os tipos de públicos, mesmo os que não participam podem ir visitar. Além de ocorrer as provas campeiras, também é possível encontrar outras atividades nos rodeios, como as danças, parques de diversão, alguns shows com cantores tradicionalistas e também uma variedade de produtos expostos (artigos gaúchos, comidas, roupas, etc).

A grande maioria dos competidores são pessoas de outras cidades e até outros Estados, como já mencionado; por isso, nos rodeios existe uma área destinada a acampamentos. São espaços que são disponibilizados para pessoas e grupos, com banheiros públicos e distribuição de energia elétrica, poderem montar acampamentos em barracas e/ou motorhomes, onde as mesmas podem permanecer durante o evento.

Segundo Dalmoro e Nique (2016), os rodeios crioulos acontecem em todo

⁶ O laço veterano é uma modalidade disputada por pessoas que tenham mais de 60 anos de idade. Nessa disputa, como em todas as outras, quem pegar mais armadas vence.

⁷ O laço de duplas é considerado a principal modalidade dos rodeios por ofertar o maior prêmio e acontecer aos sábados à tarde e durante o domingo.

o Estado do Rio Grande do Sul, e tem como propósito, vivenciar a tradição gaúcha, como já referido. Acredita-se que ocorram mais de 400 (quatrocentos) eventos deste tipo por ano, onde cerca de 5.000 (cinco mil) pessoas passem por eles, entre competidores e visitantes. Estes eventos proporcionam um contato mais próximo às atividades campeiras⁸ do meio rural, além de movimentar o mercado de materiais relacionados a cultura gaúcha e de produtos das marcas dos patrocinadores.

O tiro de laço, modalidade na qual acompanhei ao longo da pesquisa, vem se tornando uma das principais modalidades dentro dos rodeios crioulos, por apresentar maior número de competidores em relação às outras.

Conforme Costa (2012), o tiro de laço começou a ser praticado na cidade de Esmeralda, no ano de 1951. Apesar de não ter registro sobre isso, Costa (2012), afirma que um grupo de homens que trabalhavam em fazendas e na lida com o gado, não estava indo muito bem na hora de laçar a tropa no campo. Diante disso, resolveram se reunir para que pudessem treinar. Após os primeiros treinos, foi organizada a primeira festa campeira de laço do Rio Grande do Sul, em novembro daquele mesmo ano. Essa prática passou a se tornar comum aos finais de semana, onde os laçadores se deslocavam para outras localidades, com seus cavalos, para realizarem as disputas.

Com o aumento de competidores, essa competição passou a ser supervisionada pelo MTG, entidade que controla as regras. É interessante ressaltar que tal Movimento é descrito como importante para a consolidação das tradições gaúchas e para reafirmar a idealização do estereótipo gaúcho. Essa atribuição está presente no Regulamento Campeiro do Estado do Rio Grande do Sul, na Seção V Art. 14 do ano 2015, onde consta: “Somente poderão participar de eventos, como concorrentes, aqueles que apresentarem o Cartão de Identidade Tradicionalista”. (GOMES, 2015).

No que se refere às suas regras, o tiro de laço, segundo o que consta no site MTG, é uma competição na qual o laçador utiliza o cavalo para correr atrás de um boi, no espaço de 100 metros e deve acertar as aspas⁹ do animal; caso o

⁸As atividades campeiras correspondem a um conjunto de atividades executadas na manutenção de fazendas e demais propriedades rurais, mais especificamente na lida com os animais.

⁹A palavra aspas é o termo utilizado para se referir ao chifre do gado.

competidor não conseguir acertar as aspas, a laçada é considerada “branca” e o competidor é eliminado. Já o laçador que acertar todas as armadas¹⁰ será o vencedor da competição.

Dessa forma, a prova de tiro de laço é uma competição que tem como objetivo, fazer com que um praticante ou uma dupla se torne campeã das modalidades que existem dentro do rodeio. Ainda de acordo com Costa:

[...] em todos esses casos, os rodeios acontecem sempre em arenas fixas ou montadas em áreas urbanas; são grandes festas e presencia-se a competição entre peões que concorrem entre si para ganhar prêmios e, em algumas situações, também posições em campeonatos nacionais e/ou internacionais (COSTA, 2012, p. 17).

A lei que oficializa os rodeios como esporte é de 2001. No ano de 2014 foi aprovado um parecer de um deputado estadual junto ao projeto de lei 271/2013, que torna o tiro de laço como um esporte símbolo do Rio Grande do Sul. Costa relata que essa competição é muito antiga. Segundo ele:

As referências a eventos desse tipo, no Brasil, como competições esportivas é bem mais antiga. Penso que não é possível afirmar que os rodeios de hoje são a reprodução do que se fazia, desde o início da ocupação do território brasileiro, nas fazendas de criação de gado que se espalharam pelo país, mas também não desconsidero que eles tenham alguma referência nessas atividades (COSTA, 2012, p. 17).

Como já mencionado anteriormente, o tiro de laço vem sendo praticado a algumas décadas, inicialmente em fazendas no interior das cidades; cada vez mais essa prática vem ganhando competidores, muitos destes são moradores da zona urbana. Em que pese o avanço dessa modalidade na cultura gaúcha, só de uns tempos para cá que as mulheres vêm nela se inserindo.

¹⁰Armada é um termo utilizado, que significa que o competidor do tiro de laço jogou o laço nas aspas do bovino.

1.4 A invisibilidade da mulher no movimento tradicionalista gaúcho

Inicialmente, com o surgimento dos Centros de Tradições Gaúchas, em 1947, tinha como uma das suas finalidades, ser entidade, exclusivamente, para homens participar, reunindo-se em galpões sem a presença de mulheres.

Conforme Dutra (2002), a atuação feminina não havia sido idealizada quando os primeiros passos para a criação do Movimento Tradicionalista começaram a ser dados. Assim, a formação do Movimento que estava se iniciando, não contava com mulheres. As primeiras reuniões que aconteceram após as comemorações de 20 de setembro de 1947 e ocorreram apenas com a presença de homens.

Com base nas informações já descritas, é perceptível observar que o Movimento Tradicionalista Gaúcho iniciou apenas com o protagonismo e participação de homens. Inicialmente as mulheres não tinham espaço dentro desse Movimento; aos poucos alguns aspectos foram se modificando. O que observamos na atualidade, é a presença, cada vez mais forte, das mulheres no MTG, deixando de estarem apenas acompanhando os homens, para conquistarem o seu espaço dentro do Movimento.

Segundo Cunha e Karawejczyk (2014), seria no ano de 1949, dois anos após a fundação do primeiro CTG, que começou a se pensar sobre a ausência das mulheres dentro da entidade tradicionalista. Porém, foi somente com a criação da primeira internada de danças tradicionalistas que a mulher efetivamente passou a poder participar do CTG. As mulheres que frequentavam o CTG, inicialmente eram as irmãs, as namoradas e as esposas dos homens associados às entidades.

O CTG se caracterizava como um espaço reservado à participação masculina; as mulheres não faziam parte dessa ordem. Assim como o início do Movimento Tradicionalista, que se fez com a participação apenas dos homens, inicialmente, outro momento importante, que faz parte da história do Rio Grande do Sul, mesmo tendo a participação das mulheres se constituiu como um acontecimento hegemonicamente masculino, segundo Cunha e Karawejczyk: “Apesar de ser caracterizada como uma história majoritariamente masculina, a Revolução Farroupilha marca o início da atuação feminina na vida social do Rio

Grande do Sul". (2014, p. 199).

Foi a partir da saída do homem para as guerras que as mulheres começam a ter um espaço mais efetivo dentro da sociedade. Além de serem donas de casa, passam a ter a necessidade de cuidar das estâncias e ficarem à frente dos negócios que antes eram comandados por homens. De certa forma, o mesmo ocorreu dentro dos CTGs, quando se necessitou da presença das mulheres para que elas pudessem acompanhar os homens, primeiramente como sendo os seus pares nas invernadas e, após, com a urgência para se realizar as tarefas que emergem das mudanças ao longo dos anos.

O que parece é que essas são mudanças que ocorreram no cenário mundial, as quais tiveram repercussões nos CTGs, conforme afirmam Cunha e Karawejczyk:

A mulher esteve presente no Movimento Tradicionalista Gaúcho desde sua criação, embora sua presença seja mais evidente nos dias atuais. Observa-se que o Movimento Tradicionalista Gaúcho, acompanhando as modificações do cenário mundial, também foi alvo de muitas transformações (CUNHA, KARAWEJCZY, 2014, p. 204).

Essas transformações se tornam possíveis a partir do momento em que a ausência da mulher nos espaços tradicionalistas começa a ser questionada. De acordo com Dutra (2002), foi quando Paixão Côrtes e Lessa vão ao encontro em Montevideu e observam que a figura feminina se faz presente nos grupos que ali estavam se apresentando.

Nesta reunião foi criada a I Invernada de Danças do Movimento Tradicionalista, a invernada das Prendas. Dutra (2002), destaca que a mulher então passou a estar incluída no movimento, mas à ela restava atividades relacionadas ao gênero feminino, como danças, culinárias, costuras, decorações, etc."

Essa relação das tarefas de acordo com o gênero, inicialmente era determinante para estabelecer as funções de cada pessoa (homem/mulher), dentro do CTG. Gomes (2015) relata que existia um padrão de características associado à figura do homem e à da mulher:

[...] são os estereótipos de gênero, intolerantes e que promovem o orgulho

pela ignorância associada a rusticidade do homem do campo, reproduzindo um estereótipo destes cidadãos, facilmente reconhecidos nas letras de música e nas poesias declamadas, que também apresentam a mulher gaúcha prendada (a Prenda), submissa, bonita e forte. É difícil significar a identidade reproduzida pelo Movimento, e que se dissemina por estes espaços escolarizados, pois ora o gaúcho é grosso bravo, mas também educado e gentil, e a 'prenda' ora é sensível e bela, e em outros momentos é corajosa e sem vaidades, sempre buscando uma imagem entre o que o senso comum considera pertencente ao campo e do que pertence à cidade (GOMES, 2015, p.23).

Portanto, figura masculina estava relativamente associada em determinados momentos à rusticidade, uma característica ligada ao homem da campanha, e também à bravura; já a figura da prenda estaria relacionada a uma imagem de recato e pureza e outros fatores que pudessem remeter a relação com o campo. Essas características padronizavam e moldavam o modo de ser gaúcho e de ser prenda, tanto na cidade quanto no interior.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho, também acabou por manifestar um retrato no qual as características do gênero feminino eram apresentadas como mais recatado, delicado e submisso, algo que seria o inverso das características ligadas à figura do homem.

Essas características serviriam como uma forma de diferenciação entre homens e mulheres, servindo para traçar espaços designados a ambos. Becker afirma que:

O tradicionalismo no Rio Grande do Sul, desde a sua fundação até os dias atuais, distribuiu de forma hierárquica os lugares destinados à mulher e ao homem dentro das práticas tradicionalistas, vividas nos CTG's (BECKER, 2010, p. 5).

Desta forma, o Movimento Tradicionalista destinou às mulheres, atividades que seriam consideradas menos valorizadas, como as atividades domésticas e "culturais", tais como as danças, os artesanatos e a culinária, etc.

Mesmo estando designado às mulheres atividades domésticas como a culinária, o principal prato, que acabou se tornando símbolo do Rio Grande do Sul, o churrasco, é feito por homens. Para Maciel (2008), o churrasco está relacionado a figura emblemática do sul do Brasil, o gaúcho.

A imagem que representa o gaúcho foi repensada com o surgimento do

Movimento Tradicionalista. O gaúcho foi colocado como um homem guerreiro, livre, cavalheiro e, posteriormente, houve preocupação em criar uma imagem para a mulher. Nessa imagem, seria atribuído à sua figura alguns significados, sendo necessário criar um nome pelo qual ela pudesse ser chamada. Conforme Dutra:

A participação feminina no 'galpão simbólico' exigia uma denominação para elas: como iriam chamar-se as mulheres tradicionalistas? A busca de elementos do passado não apontava uma solução, porque as mulheres dos gaúchos na época de ocupação e demarcação territorial eram as 'chinas' (mulheres brancas, negras ou índias), que na representação mítica, expressa através dos textos gauchescos, homogeneizou como 'índias roubadas e levadas à garupa de seus cavalos'. O termo 'china' manteve o sentido de prostituta no Rio Grande do Sul, portanto esta denominação não poderia ser adequada para designar as mulheres dos CTG's, entidades que nasciam sob inspiração de uma visão moral que visava resgatar nobres costumes de um tempo áureo e puro (DUTRA, 2002, p.49).

Portanto, os fundadores do CTG 35 acharam necessário buscar uma expressão que pudesse manifestar e representar aquilo que eles acreditavam que era a mulher gaúcha, a parceira do homem valente e honrado. Foi então que escolheram a palavra prenda para designar a parceira deste. Conforme Dutra (2002), os associados do CTG 35 foram buscar no dicionário o significado da palavra prenda, que significa um objeto com que se brinda a alguém, um presente; acharam que seria adequado passar a chamar as mulheres que frequentavam o CTG de prenda.

Com a entrada das mulheres no Movimento, além de criarem um termo para chamá-las, era necessário que fosse criado outro elemento que a caracterizasse como uma mulher gaúcha. Desta maneira, a vestimenta da prenda passou a ser pensada, uma vez que o gaúcho já detinha a sua.

Assim a figura da prenda que foi criada pelos fundadores do CTG 35; acreditavam que era necessário estipular algumas características de como deveria ser uma prenda e como ela deveria se vestir. Essas peculiaridades estariam de acordo com uma determinada concepção de sociedade da época e de como se pensava a mulher tradicionalista.

O vestido tinha como propósito, além de enfeitar a mulher, auxiliá-la durante as apresentações das músicas tradicionais, criando assim uma imagem de uma

mulher gentil, recatada e que valoriza as tradições, pois suas vestimentas foram pensadas e criadas no modo como as mulheres se vestiam no passado. Durante a pesquisa, o que observei foi a quase inexistência do uso do vestido de prenda, que fora um traje idealizado para a mulher e hoje já não é mais tão procurado.

Depois dessa pequena retomada histórica sobre a construção do Movimento Tradicionalista Gaúcho e a participação feminina neste, podemos observar que, mesmo na atualidade, é forte o domínio dos homens nas atividades e assuntos relacionados ao Movimento Tradicionalista. No caso da música, por exemplo, ao realizar uma breve pesquisa sobre músicos(as) tradicionalistas, nos deparamos com o destaque de nomes de homens em sua maioria: César Oliveira e Rogério Melo, João Luís Correa, Mano Lima, Gaúcho da Fronteira, são um dos muitos exemplos encontrados.

Por outro lado, apesar de nos depararmos com um número maior de participantes masculinos, as mulheres estão se engajando, cada vez mais, nas atividades relacionadas ao tradicionalismo: um exemplo é a cavalgada das mulheres, que acontece em diversos municípios, inclusive no Litoral Norte do Rio Grande do Sul e também a criação da modalidade do laço prenda nos rodeios crioulos do Estado.

1. 5 Das questões de gênero para o problema de pesquisa

Ele quase nunca treina, só laça mesmo em rodeios. Daí fica difícil de competir com os outros né (diário de campo 28/11/2018).

Ela laça bem, parece homem, mas é mulher mesmo. (Diário de campo 07/11/2018).

Ao iniciar as leituras sobre o conceito de gênero, muitas vezes, me deparei com questões levantadas por alguns autores que traziam uma discussão onde a mulher não aprendia por dificuldade, razões essas apontadas por questões biológicas relacionadas aos sexos, enquanto os homens por alguma desatenção ou falta de capricho.

Os meninos não atingiram a média devido ao seu comportamento desatento, inseguro, desinteressado, distraído. Quanto às meninas, suas dificuldades são justificadas por sua (in) capacidade cognitiva, por tanto, não atingiram a média por falta de conhecimento (DAL'IGNA, 2007, p.250).

Os trechos de diário de campo expostos no início desta escrita, me remetem a esta passagem de Dal'igna, onde a autora traz essa fala recorrente de que meninas não aprendem por falta de um certo conhecimento e os meninos por desinteresse. O que fora detectado no excerto do diário de campo, o laçador não podia ir bem se não treinasse, precisava estar interessado; a mulher que laçou bem é por que tinha, de acordo com outros competidores, características biológicas que os homens possuem.

Após esta explanação inicial, tento relacionar a maneira como questões de aprendizagem estão relacionadas com as questões de gênero, bem como tantas outras. O que pretendo fazer nas próximas linhas é empenhar-me para contextualizar algumas questões relacionadas a este conceito, com o intuito que essas ideias possam, mais à frente, colaborar com análises pertinentes ao trabalho de campo realizado.

Uma das autoras que me auxiliaram na compreensão do conceito de gênero foi Louro (2003), que coordenou o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE) e desde os anos 90 vem publicando trabalhos sobre essa perspectiva. Para Louro, conceito de gênero relaciona-se de modo direto com a história do movimento feminista contemporâneo. A autora destaca que:

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade no chamado "sufragismo", ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda do feminismo" (LOURO, 2003, p.15).

Uma das primeiras reivindicações, teria sido a primeira onda do feminismo, foi a do direito ao voto às mulheres, o sufrágio, direito de votar em eleições políticas. Em seguida, as mulheres passaram a buscar outros novos objetivos, estes relacionados aos arranjos familiares, direito à escolaridade e à entrada no mercado de trabalho. Inicialmente estas demandas estavam associadas às necessidades das

mulheres brancas.

Louro (2003) destaca, ainda, que após a primeira onda do feminismo, no fim da década de 60, inicia-se a segunda onda, marcada não apenas por demandas sociais e políticas, mas principalmente pelo início dos debates teóricos entre estudiosos e militantes, onde passou a ser problematizado o conceito de gênero.

Scott, uma das principais estudiosas sobre este conceito, ressalta que o termo gênero tenha começado a ser usado inicialmente entre as feministas americanas, no qual intencionavam colocar o sentido neste termo fundamentalmente social na distinção entre os sexos, opondo-se ao determinismo biológico para diferenciação sexual. A palavra gênero passou a ser mencionada relacionada à organização social da relação entre os sexos (Scott, 1989). O gênero então passou a ser:

Um termo proposto por aqueles que defendiam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalavam muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente (SCOTT, 1989, p.3).

Colocar as mulheres dentro da história modificaria algumas das noções tradicionais que se tinham até então, não somente criando uma história das mulheres, mas também uma nova história de modo geral. Scott (1989, p.5) evidencia que: “a maneira como essa nova história iria, simultaneamente, incluir e apresentar a experiência das mulheres, dependeria da maneira como o gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria de análise”. Para a autora:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1989, p.7).

Com o avanço dos estudos relacionados a essa categoria de análise, o conceito gênero passou também a questionar aspectos culturais, não somente

biológicas, procurando compreender quais são os papéis destinados aos homens e às mulheres, dentro dos contextos das organizações sociais.

Quanto a essas questões culturais, a partir de um olhar antropológico em relação aos papéis destinados às mulheres e aos homens, Laraia (1986) observa que a espécie humana se distinguia por conta de sua anatomia e de questões biológicas. No entanto, para o autor, essas diferenças de comportamento encontradas entre homens e mulheres não se deve simplesmente ao fato de determinismos biológicos. Algumas atividades de determinadas culturas podem ser realizadas somente por mulheres e, em outras, apenas por homens.

A verificação de qualquer sistema de divisão sexual do trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica. O transporte de água para a aldeia é uma atividade feminina no Xingu (como nas favelas cariocas). Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável, muito maior do que o necessário para o manejo de um arco, arma de uso exclusivo dos homens (LARAIA, 1986, p.19).

Assim como a tarefa do transporte de água é função das mulheres no Xingu, a carreira de diplomata era restrita aos homens. Podemos encontrar diversos exemplos de atividades que são voltadas somente às mulheres e outras tantas voltadas apenas aos homens. O que as diferencia são as questões culturais de cada lugar, tornando as questões de gênero relacionadas não somente às questões biológicas, mas também às questões culturais.

Após o início do que foram classificadas como as primeiras ondas do feminismo, uma das finalidades que estudiosas tinham era de tornar visíveis aquelas que eram ignoradas dentro do contexto da sociedade. A invisibilidade concernente às mulheres era estabelecida a partir das falas que caracterizavam as mulheres como responsáveis por trabalhos domésticos e cuidados com a família. Essas tarefas eram entendidas como secundárias, sem a devida relevância, fato que contribuía para que mulheres fossem ficando de lado. No entanto, essa relação pré-estabelecida vinha se rompendo já há algum tempo, como aponta Louro:

Sem dúvida, desde a muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram também

a ocupar escritórios, lojas, escolas e hospitais (LOURO, 2003, p.17).

Embora mulheres estivessem começando a ocupar lugares fora do ambiente domiciliar, estas novas ocupações habitualmente eram rigorosamente controladas por homens, os cargos ocupados eram tidos como secundários e ligados a atividades de cuidados, assistência e nas escolas, quase as mesmas atividades realizadas pelas mulheres nas suas casas.

Com todas essas questões de desigualdades relacionadas às mulheres, muitas das justificativas se davam por conta, como já referido anteriormente, das questões biológicas. O que as estudiosas vinham trabalhando é que essas questões não podiam mais ser consideradas, sendo que estes contrastes vinham através dos variados arranjos sociais. As diferenças entre os gêneros passam a ser entendidas na esfera das relações sociais, priorizando estudos relacionados às mulheres, sem, contudo, deixar de lado o entendimento sobre os homens.

Meyer, outra autora importante que voltou seus estudos para a compreensão do conceito de gênero, também ressalta que o movimento de mulheres e do feminismo em busca de igualdade e de direitos teve diversos percursos; entretanto, duas ondas do movimento, como já referido, destacam-se e em especial a segunda onda, onde fortaleceu-se, no contexto de debates conduzidos por intelectuais que apontaram que as desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente estabelecidas.

O que algumas delas passariam a argumentar é que são os modos pelos quais determinadas características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir o que é inscrito no corpo e definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico (MEYER, 2004 p.14).

Novamente observa-se a oposição às teorias das características anatômicas e fisiológicas como as responsáveis por justificarem as desigualdades entre os homens e as mulheres. Estes discursos impulsionados por diversos estudiosos tornarem-se essenciais para que introduzissem iniciativas no âmbito político. Meyer (2004), destaca que estes movimentos no campo teórico impulsionaram para que,

já na metade do século XX, vários documentos começassem a ser assinados em prol da igualdade de direitos entre mulheres e homens, como a Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher.¹¹

Desta forma, o conceito de gênero relaciona-se intrinsecamente com as variadas formas de construção social e os processos que distinguem mulheres de homens estão relacionados a essa concepção, dentro do que é defendido por essas autoras.

Uma das questões levantadas para o uso do termo gênero, é que este não deva ser levado como algo que estabeleça a construção de papéis para homens e mulheres dentro da sociedade, ou seja, para determinar padrões e regras a serem seguidos diferenciando-se pelo sexo. Louro (2003) destaca que a intenção é a de compreender o gênero como uma forma que integra a identidade dos sujeitos, não algo que determina os papéis que mulheres e homens devam seguir para determinar o seu comportamento.

Com o crescimento dos estudos relacionados ao gênero, outros apontamentos foram surgindo; gênero passou a diferenciar a prática sexual dos papéis conferidos aos homens e às mulheres. Scott (1989, p.7), descreve que “o uso do gênero coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade”.

O gênero passou também a atuar em outros campos de estudos, sendo um destes locais nas escolas, onde é possível encontrar diferenças, desigualdades. Louro (2003) acredita que a escola não seja apenas um lugar onde possamos encontrar estes contrastes, mas é a escola que acaba sendo responsável por produzi-los.

[...] A instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos, tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de

¹¹A Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher, ocorreu no ano de 1979.

protestantes (LOURO, 2003, p.57).

Para tanto, a escola acabou por tornar-se um dos principais lugares de diferenciação entre os indivíduos, separando e classificando meninos de meninas. As transformações ocorridas dentro das instituições, através de organização, currículo, regulamentos, foram propulsoras para que as diferenças entre os sujeitos começassem a aflorar.

Logo ao iniciar este texto apresentei um excerto de Dal'Igna (2007), onde a autora aponta que essa diferenciação entre o gênero masculino e feminino também está presente no modo em que o conhecimento é adquirido ou não por ambos os sexos. Sendo que se meninos apresentam alguma dificuldade de aprendizagem é devido ao comportamento; já para meninas, as dificuldades são justificadas por falta de conhecimento. Para a autora:

No que diz respeito a uma das implicações do conceito de gênero mais especificamente aquela que se refere ao seu caráter relacional, poderíamos argumentar que os mesmos discursos que permitem que as meninas sejam narradas e posicionadas como carentes de um tipo de raciocínio considerado correto possibilitam que os meninos sejam apresentados e descritos como dotados, por natureza, desse modo de raciocinar. A capacidade intelectual dos meninos não é colocada em questão, uma vez que seu insucesso é justificado de outras formas (DAL'IGNA, 2007, p.251).

Pode-se observar que até mesmo questões relacionadas a aprendizagem acabam sofrendo diferenciações em relação ao sexo feminino e ao masculino. As meninas são consideradas mais tranquilas, recatadas, então o comportamento não adequado não poderia ser um fator que as prejudicasse, pois este está relacionado a meninos, que são vistos como mais agitados e inquietos.

Outro contexto presente no ambiente escolar, que fortemente pode-se encontrar questões voltadas ao conceito de gênero, são as práticas esportivas realizadas pelos alunos e os espaços onde estas são realizados, sendo muitas destas práticas ditas como masculinas ou femininas. Wenzel e Stigger, em seu artigo que aborda questões de gênero no espaço escolar, apontam que em algumas pesquisas realizadas nestas áreas, os meninos ocupam um lugar maior que meninas.

BarrieThorne (1993) estudou o pátio de escolas norte-americanas e observou que meninos ocupavam dez vezes mais espaços do que meninas, principalmente os espaços esportivos. Em relação a esse aspecto, Elisabeth Grugeon (1995) entende que, com um simples olhar no pátio do recreio, é possível observar agrupamentos de meninas que denotam certa intimidade e meninos correndo de um lado para o outro. Isso também pôde ser observado na escola pesquisada, onde os meninos ocupam mais as quadras esportivas; quando não ocupam as quadras, utilizam mais os espaços, seja correndo, seja dando grandes chutes na bola de um canto ao outro do pátio. Enquanto isso, as meninas aparentam uma maior intimidade, pois ficam em grupos menores e de maneira mais sedentária, sentadas ou em pé, mas sempre conversando (ILEANA WENETZ, MARCO PAULO STIGGER, 2006, p.11).

Questões relacionadas ao gênero estão fortemente presentes dentro do espaço escolar, classificando atividades como de meninas ou de meninos, determinando espaços a serem usados conforme a necessidade de cada sexo, sendo masculino o que em sua maioria pratica mais atividades físicas e necessita maior espaço e também o gênero está associado, muitas vezes, à aprendizagem, rotulando meninas e meninos.

Contudo, podemos identificar que essa diferenciação de atividades voltadas para mulheres e homens ocorre relacionada a questões voltadas ao conceito de gênero. Dentro dos rodeios crioulos, onde foi realizada a pesquisa, era costumeiro encontrar mulheres cozinhando, enquanto homens ficavam olhando o tiro de laço ou conversando e tomando chimarrão.

Em seu estudo realizado com participantes do rugby no contexto francês, Saouter (2003), descreve que essa é uma prática que se enuncia somente no masculino, de acordo com diversos jogadores, tendo a presença feminina nas arquibancadas, sentadas e torcendo. Mesmo não praticando o rugby, as mulheres têm diversas funções que estão associadas à feminilidade.

A primeira mulher presente na vida do jogador é evidentemente a mãe, que, como vimos, com frequência é ela mesma filha ou esposa de um rugbyman. Enquanto o menino está sob sua proteção, é ela que o leva ao estádio para ver seu pai (ou alguém próximo) jogar. Ambos assistem ao mesmo espetáculo, mas cada um recebe uma mensagem diferente: ele vê um modelo a ser seguido, ela sente a futura partida de seu filho para um mundo de homens, brutal e talvez perigoso (SAOUTER, 2003, p.41).

Além de ter a função de acompanhar os seus filhos durante as partidas de

rugby, pelo fato de muitas vezes os pais estarem competindo, Saouter (2003), destaca que as mulheres, mãe de jogadores, ainda tem uma outra função que se apresenta essencialmente relacionada a função da mulher nos afazeres domésticos:

[...] a roupa suja, quem vai lavá-la? Sabemos que a lavagem da roupa, em nossa cultura, é uma tarefa quase exclusivamente feminina que diz respeito à esfera da intimidade- a expressão “lavar a roupa suja em casa” não é uma metáfora sem fundamento. Portanto, é com uma mulher que o rugbyman estabelecerá inevitavelmente uma “relação de lavagem de roupa” (SAOUTER, 2003, p.43).

É possível observar que a mulher está destinada a realizar tarefas de acordo com o que é relacionado culturalmente a sua função dentro da sociedade: seja acompanhar os filhos em determinadas atividades ou lavar a roupa suja dos seus familiares.

Em questões relacionadas à saúde, também é possível observar aspectos voltados ao gênero. Preocupava-se muito com a saúde, pois era fator essencial para se ter uma boa gestação, principal função das mulheres, o corpo necessitava estar bem preparado.

Para a mulher feminina e mãe, a beleza é sinônimo de saúde e também de uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas. Razão pela qual, os exercícios físicos e os esportes recomendados devem atentar para que, na sua execução, os ovários sejam preservados de choques consecutivos o útero esteja bem-conformado, a bacia possa ser alargada para facilitar o parto e a região pélvica seja bem desenvolvida, possibilitando abrigar uma vida em formação (GOELLNER, 2000, p.6).

Fazendo uso de alguns argumentos científicos, as mulheres acabavam sendo impossibilitadas de participarem de alguns esportes, tendo o argumento da preservação do seu corpo para uma boa gestação.

Questões como visto até aqui voltadas ao conceito de gênero estão presentes em diversas situações, classificando o que são atividades femininas e atividades masculinas. Dentro dos esportes isto não é diferente, sendo que inicialmente mulheres não eram permitidas a praticarem diversas modalidades esportivas, pois poderiam deixar a mulher menos feminina. A elas cabiam esportes que realçassem a sua feminilidade, como a dança. Desse modo, muitos esportes

foram sendo classificados como femininos ou masculinos, restringindo a participação das mulheres somente a algumas modalidades.

Se o futebol e o boxe, por exemplo, são recomendados para os homens porque atestam sua virilidade, a ginástica e a dança são as práticas corporais sugeridas às mulheres pois ao reforçarem a graça, o encanto - atributos do feminino – evitam sua masculinização. Termo esse que sugere não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas na e da sua aparência (GOELLNER, 2000, p.65).

Considerava-se o quão a mulher era feminina de acordo com a sua aparência. Mulheres que praticavam esportes ditos masculinos acabam por apresentar formas não vistas como femininas; pelo maior esforço físico adquiriam mais músculos, já mulheres que praticavam esportes ditos femininos acabam realçando a delicadeza do corpo feminino.

Embora as mulheres encontrassem vários empecilhos para a prática de esportes, o interesse foi aumentando e a participação feminina em diversas modalidades esportivas foi crescendo gradativamente. Muitas das práticas esportivas que eram destinadas apenas aos homens, hoje já podemos encontrar mulheres realizando tais atividades com sucesso. Em meados do século XX, as mulheres passaram ter maior visibilidade dentro dos esportes e, principalmente, em esportes ditos masculinos; este fato se dá através da participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos, o que acabou viabilizando à mulher, a imagem de atleta (GOELLNER, 2005).

Porém, ainda que as mulheres pudessem participar de modalidades até então consideradas masculinas, existia um certo receio em relação a imagem que essa participação pudesse causar. Já não era apenas a questão da preservação da feminilidade.

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproxima do universo da desonra e da prostituição (GOELLNER, 2005, p.145).

Por razões como essas, a exposição do corpo feminino durante os eventos esportivos não era vista com bons olhos, pois muitos acreditavam que mulheres

que estivessem ali se expondo, poderiam ser julgadas como depravadas.

Julgamentos como estes e a preocupação com a manutenção da feminilidade da mulher, acabaram por criar certa invisibilidade de mulheres dentro dos esportes e também por uma procura menor em relação aos homens e, em muitos casos, julgando mulheres que participam de alguns esportes como até mesmos homossexuais.

Com diversos rótulos impregnados a mulheres praticantes de esportes, muitas destas para poderem participar de modalidades, mesmo as consideradas masculinas, necessitaram usar de estratégias para se manterem. Goellner e Figueira (2011) analisaram o caso de algumas skatistas que fizeram o uso de estratégias para produzirem visibilidade no esporte em área nacional e também se reafirmarem como praticantes desta modalidade. As autoras destacaram que as esportistas fizeram investimentos na busca de fontes que permitissem encontrar a presença de diversas mulheres praticantes do skate.

No campo do skate brasileiro, é notória a posição de centro ocupada pelos homens, considerados como os referentes. As mulheres são as outras, estão à margem e, por assim ser, disputam posições e poderes, pois, como qualquer produto da cultura, o skate é um território pleno de embates, inclusive de gênero. (FIGUEIRA, GOELLNER, 2011, p.245).

Assim como em tantas outras modalidades esportivas, o skate é um lugar onde as mulheres praticantes batalham por um espaço e uma certa visibilidade, não querendo apenas ficar à margem dos homens. As skatistas que fizeram parte da pesquisa de Goellner e Figueira (2011), fazem uso de diversas estratégias para que possam, cada vez mais, conquistar os seus espaços, dentro de uma prática esportiva dominada por homens, procurando reconhecimento por sua participação neste esporte e que este não seja visto apenas como uma prática masculina e que outras mulheres também possam começar a participar.

Em estudo igualmente realizado no contexto escolar, Sousa e Altmann (1999) comprovam que durante a prática de algumas atividades, é comum existirem comentários depreciativos em relação a meninos que praticam atividades consideradas femininas e/ou meninas que se envolvem em atividades 'ditas' masculinas. Nesse contexto, ainda foi possível observar que no mundo esportivo

existe uma distinção de gêneros, o que faz com muitos esportes sejam vistos como masculinos e/ou femininos.

De acordo com estas autoras, quando inicialmente começou a se introduzir atividades físicas no ensino escolar, através da disciplina de Educação Física, as mulheres e os homens passaram a praticar determinadas práticas esportivas.

A mulher manteve-se perdedora porque era um corpo frágil diante do homem. Todavia, era por “natureza” a vencedora nas danças e nas artes. O corpo da mulher estava, pois, dotado de docilidade e sentimento, qualidades negadas ao homem pela “natureza”. Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres, a suavidade de movimentos e à distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e voleibol (SOUSA e ALTMANN, 199, p. 57).

A participação feminina em esportes que não eram considerados apropriados às mulheres, acabavam por colocar essas participantes como mais masculinizadas. Já homens que praticavam esportes considerados femininos, muitas vezes, eram ditos como afeminados.

Ocorreram algumas mudanças em relação a participação de homens e mulheres em determinados esportes. Aos homens deu-se o direito de participar do voleibol, sem riscos para sua masculinidade. Para diversos autores, os esportes são considerados como uma prática majoritariamente masculina. Ao observarmos quadras esportivas e algum parque durante o final de semana, é possível constatar que a maioria de praticantes de algum esporte são homens (SOUSA E ALTMANN, 199).

Outra autora que voltou seus estudos para questões da participação feminina nos esportes foi Silveira (2008), onde buscou analisar o associativismo de mulheres num esporte ‘dito’ masculino, o futebol. Ao estudar um universo onde mulheres praticavam o futebol, a partir do depoimento de uma das jogadoras, a autora detectou que existia uma rotulação dessas praticantes. De acordo com Silveira:

Outro aspecto que é destacado como negativo por causa da rotulação do futebol e seus derivados é a falta de patrocínios para as equipes femininas. Laura acredita que, devido ao preconceito da sociedade para com os homossexuais, dificilmente a mídia vai apoiar o futebol feminino que, até então, está associado à masculinização da mulher e à homossexualidade. (SILVEIRA, 2008, p. 112).

Segundo apontado pelo estudo, as mulheres, muitas vezes, vão sendo rotuladas por praticarem uma atividade dita masculina e por consequência, acabam por ter um número pequeno de apoiadores e até da entrada de novas participantes.

No decorrer do seu texto, Silveira (2008), destaca que muitos esportes eram ditos como masculinos e que a ausência das mulheres não ocorria; o que acontecia era que as mulheres participavam em um menor número e acabavam por não serem mencionadas e também, por muitas vezes, não serem reconhecidas como competidoras pela sociedade e não por estarem ausentes. Em um dos seus estudos, Silveira narra que:

Em relação ao futebol e seus derivados, a prática feminina, se comparada à masculina, é quase ausente no Brasil. Entre outros elementos que sustentam essa afirmação, observo a quantidade de times inscritos no Campeonato Municipal de Futsal da cidade de Porto Alegre no ano de 2006: 21 times femininos e 92 times masculinos (SILVEIRA, 2008, p.35).

Embora tendo um número muito inferior de mulheres e times femininos que competem em relação ao masculino, é possível afirmar que elas praticam esportes e não estão ausentes, mesmo que sejam práticas denominadas masculinas.

No tiro de laço, foi rotineiro observar durante treinos e competições, a pequena participação das mulheres em relação aos homens. Corroborando dados, no Rodeio Crioulo ocorrido na cidade de Xangri-lá no ano de 2018, na principal modalidade de competição do evento, inscreveram-se para participar mais de 500 duplas e na modalidade de prendas, o número de inscrições das mulheres não chegou a 70. Pelas informações obtidas, podemos constatar que as mulheres participam, mas ainda em número bem inferior aos homens.

Mesmo que a participação feminina seja em número muito inferior à da masculina, como já exposto, as mulheres estão praticando esportes e por diversas razões como Silveira aponta em sua pesquisa: “É devido ao gosto pelo esporte, às relações de homossexualidade presentes naquele universo e à amizade entre seus participantes que o time se mantém” (SILVEIRA, 2008, p. 67). Dessa forma, a participação de mulheres em determinados esportes se deve a diversos elementos, não somente ao gosto pelo esporte praticado em si. Nem todas as mulheres que encontrei durante o trabalho de campo nos rodeios estavam ali por gostarem da

prática em si, mas por acompanhar suas famílias que praticam tiro de laço e acabam as incentivando.

Eventualmente, na atualidade, os esportes, muitas vezes, acabam sendo rotulados em feminino e masculino, de acordo com a modalidade, culminando na pouca procura das mulheres por determinadas atividades, elevando números superiores de praticantes homens em relação às praticantes mulheres. Não longe disso, dentro do tiro de laço, foco desta pesquisa, durante o trabalho de campo foi observado número elevado de participantes homens em relação ao número de mulheres. Essa modalidade, como muitas outras, iniciou apenas com competidores masculinos e, foi se afirmando como uma prática dita masculina; mesmo assim, as mulheres passaram a procurar o tiro de laço e, pouco a pouco, estão construindo os seus espaços.

Durante o trabalho de campo, relatos de competidores e de pessoas que participam de alguma forma dos rodeios crioulos, mencionavam que no começo das competições não existiam mulheres que competiam.

Lá no começo dos rodeios daqui, não tinha mulher que laçava. O pessoal que competia eram só homens, pessoal que trabalhava no campo, que tinha contato com gado. Quem já sabia laçar e andar a cavalo né. Eu não lembro, mas não faz vinte anos que começaram com o tal laço prenda (Diário de campo 24/01/2019).

Assim como em tantas outras modalidades do esporte, a participação da mulher no tiro de laço é bem recente. No início, eram apenas homens que competiam, pois era uma prática muito associada ao trabalho do campo, atividade exercida pelos homens.

É possível verificar que além das mulheres terem uma participação muito pequena nas práticas esportivas em relação a participação masculina, a realização de estudos e trabalhos que envolvam as questões de gênero e mulheres no esporte ainda é muito escassa. Para tanto Jaeger (2006), destaca que pesquisas envolvendo mulheres, esporte e gênero é recente no Brasil. Para a autora,

No que se refere ao esporte especificamente, o sexo tem sido um território onde busca-se a fixidez e as demarcações identitárias e, por muito tempo, foi usado para impedir a participação feminina em diferentes modalidades esportivizadas (JAEGER, 2006, p.201)

Factualmente as práticas esportivas foram se tornando estabelecidas de acordo com um determinado sexo. Em função disso, as práticas corporais que requisitassem suavidade, flexibilidade e leveza eram destinadas às mulheres; já as práticas esportivas que carecessem de força, velocidade e resistência eram destinadas aos homens. Jaeger (2006) observa que ao longo dos tempos a maneira como se vive e quem pratica os esportes passou por diversas transformações.

Pois ao longo do tempo, o esporte vem se transformando e nesse percurso observa-se momentos de rupturas e descontinuidades, momentos em que fissuras foram ampliadas e possibilitaram expandir o horizonte de práticas corporais femininas e masculinas. Porém, não podemos ser ingênuos e pensar que essas mudanças aconteceram de maneira tranquila e sem conflitos (JAEGER, 2006, p.201).

Para que essas transformações em relação a prática de esportes ocorressem, foi necessário que algumas barreiras fossem rompidas, sendo que a maioria dos que buscavam essas transformações eram mulheres, pelo fato de serem as mais afetadas em relação a participação nos esportes. A busca dessas mudanças, muitas vezes, inclusive nos dias atuais, colocou questões voltadas a identidade, como a sexualidade, em questionamento. Jaeger (2006) salienta que algumas reportagens jornalísticas acabam comparando a performance das mulheres com a dos homens e também colocando em foco, não a habilidade das atletas, mas aspectos voltados a imagem feminina e ao seu corpo.

A partir dessas considerações em relação ao conceito de gênero, que está atrelado a diversos fatores dentro da nossa sociedade, procurei traçar uma trajetória do início do uso do conceito, focando em questões voltadas ao esporte e a participação da mulher nestes, inclusive a participação feminina no tiro de laço. Ao mesmo tempo, procurei mostrar que as mulheres não estão ausentes nas práticas esportivas, mas sim estão começando a ocupar determinados espaços, historicamente reservados para os homens, dentre os quais, o 'tiro de laço'.

Ao longo do processo investigativo, pude chegar ao objetivo desse estudo através do qual pretendo responder à seguinte pergunta: **como é a participação feminina no tiro de laço e como as mulheres vêm se inserindo e estão engajadas no contexto da cultura gaúcha e dessa prática em particular?**

Essa pergunta levou-me a formular outras questões:

- Dentro de um contexto aparentemente resistente a algumas mudanças, como as mulheres vêm construindo seus espaços no tiro de laço?
- Como as mulheres vêm se inserindo nestes espaços?
- Porque essas mulheres – entre outras práticas que poderiam escolher, presentes na cultura gaúcha – optam por participar de uma atividade que, predominantemente, é vista como ‘masculina’?
- Como essas mulheres são vistas por homens que competem e por mulheres que não participam das competições?

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA

No início desse capítulo pretendo, a partir da visão de alguns autores, trazer elementos, que caracterizam a etnografia a partir de suas especificidades e seus instrumentos.

A etnografia se baseia no estudo das culturas, tendo como características o olhar e escutar, bem como a importância do afastamento da cultura do pesquisador para que ele analise melhor a cultura estudada. Ela nos possibilita encontrarmos com diversos contextos, muitas vezes, diferentes do que estamos acostumados, nos possibilitando observar outras culturas, outros costumes e modos de agir. É composta por algumas técnicas, que são importantes na produção de dados, o que está amplamente relacionada ao trabalho de campo. Para Rocha e Eckert (2008), o trabalho de campo é uma convivência com determinado grupo e por um tempo prolongado; a partir dessa convivência que a relação entre o pesquisador e o objeto são estabelecidas. Fonseca (1998) refere-se que o ponto de partida deste tipo de pesquisa estaria nesta relação que é construída entre o pesquisador e o seu objeto de estudo.

Um dos motivos que me levaram a escolha pela pesquisa etnográfica para a realização da pesquisa, foi o interesse em conhecer um universo cultural, o universo dos rodeios. A entrada para os grupos de estudo GEPRACO¹² na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e GESEF¹³ na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), me aproximaram de questões relacionadas a etnografia, como o “estranhamento”. Fonseca (1998), destaca que o estranhamento, as dúvidas são normais dentro do campo antropológico, pois levantam hipóteses sobre os hiatos e assimetrias que existem entre nossa maneira de ver as coisas e a dos outros. Por já ter uma familiaridade com o campo de estudo, estava ‘acostumada’ com o que estava observando, mas as leituras foram contribuindo para que eu começasse a ter um estranhamento com o que já me era

¹²Grupo de Estudos em Práticas Corporais.

¹³Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física.

familiar, e optar pela etnografia me oportuniza ter um olhar mais próximo do objeto de estudo com base em um procedimento no qual posso ter uma observação mais aprofundada de um contexto específico.

Stigger (2002) descreve que os antropólogos primeiramente buscavam transformar o estranho em familiar, mas isto foi se modificando no decurso, pois estes mesmos pesquisadores começaram a tentar transformar o familiar em estranho, “Assim a investigação de caráter antropológico volta-se hoje para a sua própria sociedade”. (STIGGER, 2002, p. 4). Pacheco (2012) observa que para realizar este movimento de estranhar o familiar, faz-se necessário ter noção de distância durante o trabalho de campo.

O estranhamento para muitos antropólogos, de acordo com Stigger e Myskiw (no prelo), seria um dos principais elementos do conhecimento antropológico. Os autores destacam que antes se familiarizava o estranho, agora inclui-se estranhar o familiar. Ainda de acordo com os autores existe uma frase muito comum dentro do Grupo de Estudos no qual são coordenadores:

É justamente por isso que uma frase acaba sendo bastante recorrente nos encontros do nosso grupo e nos momentos de orientação: ‘não vai estranhar se não tiver leituras!’. Isso significa que os ‘melhores olhares’ dos observadores participantes são aqueles que estão impregnados das leituras acadêmicas que se imbricam com as experiências empíricas. (STIGGER; MYSKIW, no prelo).

Para os autores, as leituras são fundamentais para que se possa estranhar, pois elas auxiliam o pesquisador durante o trabalho de campo, favorecendo que se tenha um olhar mais atento aos detalhes, que talvez sem as leituras pudessem passar despercebidos.

A etnografia apresenta algumas características que são fundamentais para a realização deste tipo de pesquisa; além do estranhamento, encontra-se à observação participante, que trata da inserção do pesquisador dentro da comunidade a ser pesquisada.

Na observação participante os membros da comunidade concordam com a presença do pesquisador entre eles, como um vizinho, um amigo que também é, casualmente um pesquisador. O observador participante deve, então, fazer o esforço de ser aceitável como pessoa (o que vai significar

coisas diferentes em termos de comportamento) e não simplesmente respeitável como cientista. (ANGROSINO, 2009, p. 19).

É fundamental essa inserção do pesquisador na comunidade para que se possa estudar as características, os comportamentos e as suas crenças.

Estar no campo de pesquisa não quer dizer que o pesquisador esteja dentro ou aceito. É necessário fazer um esforço para ter essa aceitação. Alguns pesquisadores tomam a iniciativa de realizar alguma atividade dentro do grupo onde realizam a pesquisa. Assim como aconteceu no caso do Myskiw (2012), que ao realizar uma etnografia no Campeonato Municipal de futebol de várzea, passou a colaborar no preenchimento das súmulas dos jogos, contribuiu para que ele estivesse mais próximo das pessoas que circulavam dentro deste ambiente, fazendo-o participar das conversas à beira do campo, que contribuíram para que o autor pudesse entender que seria necessário vivenciar a circulação dentro do circuito para compreender os 'times' observados, diferente de Myskiw, Geertz (1989) que precisou passar por uma situação junto aos moradores locais onde realizava a pesquisa. Foi quando o pesquisador junto a sua mulher, teve que fugir de uma rinha de galos¹⁴ quando a polícia chegou. A partir deste momento ele passou a ser aceito, não mais como um cientista, mas sim como alguém que pudesse pertencer aquele lugar.

Em um estudo realizado por Foot-Whyte (1980), o autor descreve que inicialmente necessitou estar acompanhado de Doc¹⁵ para poder circular em Corneville, um morador do bairro onde a pesquisa foi realizada. A aceitação dele dependia das relações que ele ia criando dentro do campo de pesquisa e não apenas das explicações sobre a sua presença naquele lugar.

Podemos observar que nos três casos citados – Myskiw (2012), Geertz (1989) e Foot-Whyte (1980) –, a aceitação destes dentro do campo de pesquisa se deu a partir do momento em que eles vivenciaram situações do cotidiano daquelas pessoas, seja fazendo súmulas de jogos, fugindo de rinhas de galo ou frequentando bares.

¹⁴Passagem do capítulo "Um jogo absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa" do livro A interpretação das culturas, Geertz, 1989.

¹⁵Doc era morador do bairro onde Foot Whyte realizou a pesquisa, era tido como o seu informante.

Outro ponto que caracteriza a etnografia é a descrição densa, que não é apenas descrever aquilo que se está observando, mas junto da observação trazer o significado atribuído ao que se observou, assim como no exemplo de Geertz (1989) das piscadelas. Usando esse exemplo, o autor trata dos significados que podem ter diferentes piscadelas, modificado em cada contexto. Nesse caso, o autor não descreve apenas dois jovens piscando um para o outro; vai além atribuindo o significado acerca daqueles 'gestos', onde o que ocorria na realidade era uma farsa: "estar praticando a farsa com um amigo imitando uma piscadela para levar um inocente a pensar que existe uma conspiração". (1989, p. 5).

De acordo com Silveira (2008), a descrição densa é um complexo processo, que torna necessário tempo do pesquisador e envolvimento com o campo a ser pesquisado. Para poder enxergar estes significados, é essencial que o observador esteja inserido dentro do campo.

Outro instrumento essencial da pesquisa etnográfica é o diário de campo, onde sua função vai além de registrar os dados produzidos. Conforme Winkin, o diário de campo é dito por todo antropólogo como um instrumento de pesquisa fundamental, que apresenta três funções essenciais:

[...] é preciso que o diário tenha uma função catártica. É o que Schatzman e Strauss (1973) chamam de função emotiva do diário. [...] A segunda função do diário é a empírica. Nele vocês anotaram tudo o que chamar a sua atenção durante as sessões de observação. [...] A terceira função do diário é reflexiva e analítica. Vocês vão reler regularmente e fazer anotações [...]. (WINKIN, 1998, p. 10).

Deste modo, podemos constatar que o diário de campo é uma ferramenta fundamental, assim como as suas funções, sendo a de descrever, refletir ou de relatar emoções ou angústias vividas no campo.

É importante destacar que o diário de campo não é o texto final da pesquisa. O que se usa na redação final são alguns trechos, selecionados pelo autor, que julga serem de maior relevância. Poucos fragmentos descritos ao longo da pesquisa aparecerão no texto, mas este exercício de escrever, refletir, colocar o que se está sentindo diante de determinadas situações vivenciadas pela pesquisa, são de suma importância, pois são como peças que vão ajudando o pesquisador a encaixar e

montar o quebra-cabeças, podendo assim chegar a compreensão do seu estudo realizado.

Diferente de muitas pesquisas etnográficas que são realizadas em um determinado espaço, esta pesquisa percorreu um determinado circuito. George Marcus (2001), destaca que pesquisas que saem dos lugares para examinar a “circulação de significados”, seria uma outra modalidade da pesquisa etnográfica; trata-se de uma etnografia multilocal. Para ele:

Esta clase de investigación define para síun objeto de estudio que no puede ser abordado etnográficamente si permanece centrado en una sola localidad intensamente investigada(GEORGE MARCUS 2001, p. 11).

Em vista disso, o objetivo da pesquisa foi o de seguir os participantes durante o circuito de rodeios ao longo da temporada.

Stigger, Myskiw e Silveira (no prelo), destacam em seu artigo que aprenderam que além de estar presente em um grupo, em alguns momentos, durante etnografias multilocalizadas, seria importante seguir pessoas que fizessem parte da pesquisa, na produção do conhecimento na área do lazer.

A pesquisa de Myskiw (2012), já referida aqui, é um estudo que se encontra dentro dessa perspectiva da etnografia multilocal. O autor fez a sua etnografia ‘no circuito’ de futebol de várzea da cidade de Porto Alegre. Myskiw acompanhava os jogos que ocorriam em diversos lugares e participava de acontecimentos dentro de algumas comunidades. Acompanhar este circuito da várzea, através da etnografia multilocal foi o que tornou possível para se compreender a várzea. No decorrer das próximas linhas irei descrever como o trabalho de campo foi realizado. Assim como Myskiw acompanhou os jogadores da várzea, também acompanhei as competidoras do tiro de laço em diferentes espaços, o que foi essencial para compreender como elas participavam dessa prática.

2.1 Etnografia, algumas considerações sobre o trabalho de campo.

Escolher e realizar o trabalho de campo em um lugar já conhecido¹⁶, inicialmente, onde já se tenha pessoas conhecidas, pode parecer uma escolha que torne a pesquisa etnográfica menos trabalhosa a partir da iniciação do campo. Porém essa facilidade pode não ser concreta.

Ao longo da introdução deste trabalho, trouxe elementos que me levaram a escolha pela etnografia e também pelo local de pesquisa, o que clarifica as primeiras linhas deste capítulo. Optar por um local de pesquisa já conhecido, inicialmente, pareceu ser bem favorável, pois já conhecia diversas pessoas e isso poderia contribuir para que eu me aproximasse mais rapidamente do meu objeto de estudo. No entanto, estar em um lugar familiar, onde tudo acontecia de forma costumeira, fez com que eu tivesse que me dedicar mais às leituras, pois sempre escutava a frase no GESEF “só vai estranhar se tiver leituras”; de fato, isso passou a fazer sentido, a partir do momento em que eu me empenhava nas leituras, começava meu questionamento sobre as minhas observações.

Como já relatado, lugar da pesquisa já estava escolhido, o trabalho de campo seria realizado nos Rodeios Crioulos no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, observando a prática do tiro de laço como uma forma de lazer. Porém, ao ingressar no mestrado, com um tema aparentemente bem limitado, já durante as minhas primeiras aproximações com o campo, um outro problema de pesquisa foi se construindo.

Durante a observação de um rodeio, eu estava na arquibancada conversando com alguns conhecidos, quando o tiro de laço parou para que a cerimônia de abertura oficial do evento iniciasse. Algumas pessoas se dirigiram ao meio da cancha para discursar: eram autoridades, competidores e uma única mulher, a patroa da entidade responsável por organizar o Rodeio, o que no momento me levou a ter uma reação de estranheza, pois já mais havia conhecido

¹⁶ Trago como lugar já conhecido, pois na minha família alguns familiares são competidores do tiro de laço e desde muito cedo venho os acompanhando.

ou visto uma mulher que fosse patroa de um Piquete Tradicionalista e que fosse a principal responsável por organizar um Rodeio Crioulo.

A partir deste momento, comecei a repensar sobre o tema do meu trabalho e fui buscar leituras em relação a participação de mulheres na prática do tiro de laço; não encontrei nada relacionado ao tiro de laço. Assim passei a realizar leituras sobre o surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho e onde as mulheres se encontravam naquele espaço. Pude notar que as mulheres não tinham visibilidade dentro desse Movimento. Com base nesses primeiros apontamentos, a direção desse trabalho, como já referido em outros capítulos, foi a de observar a participação de mulheres no tiro de laço, uma prática dita masculina.

Para realizar a pesquisa, inicialmente, me aproximei de pessoas que já conhecia e que frequentavam e participavam do tiro de laço. Uma das primeiras pessoas que contatei foi José, que laça a mais de 35 anos. Participou das primeiras edições de quase todos os Rodeios do Litoral Norte Gaúcho. José era um competidor muito conhecido, não somente pelo tempo em que já vem frequentando os rodeios, mas também por se destacar nas competições e ganhar diversos títulos ao longo de todos estes anos. Achei que seria uma boa opção em tê-lo como uma espécie de informante privilegiado, assim como fez FootWhyte (1969) ao andar com Doc para se aproximar de algumas pessoas para sua pesquisa. Na minha pesquisa José serviu-me como uma espécie de Doc, onde ele poderia me passar informações, me dar algumas dicas sobre o tiro de laço e me oportunizar a aproximação com outros competidores.

Nos primeiros rodeios visitados, passava circulando por acampamentos e ficava na arquibancada junto do José, era um modo de me socializar com outras pessoas e detectar alguns conhecidos. Mais tarde, passei a andar a cavalo dentro dos corredores onde os competidores ficavam. Fiz isso durante a competição das prendas, onde comecei a me aproximar mais da Laura e Luísa, ambas conhecidas de outros rodeios.

Com a proximidade das duas competidoras, passei a conhecer outras mulheres que laçavam e também mulheres que iam aos rodeios para acompanhar algum familiar. Percebi que ir apenas a rodeios já não estava sendo suficiente para

fazer parte desse 'mundo'. Assim, passei a frequentar reuniões de um Piquete, no qual José, Laura e Luísa eram sócios.

Para frequentar as reuniões, inicialmente, fui junto de José e lá me apresentei ao patrão da entidade e descrevi a minha intenção de participar das reuniões seguintes - prontamente ele me aceitou e ofereceu ajuda no que precisasse em relação ao meu trabalho.

Ao participar das reuniões do piquete conheci outras mulheres, a maioria casada com os competidores e apenas três laçavam, Laura, Luísa e Katia. As reuniões aconteciam uma vez ao mês, sempre na primeira quarta-feira. Em cada reunião, dois sócios eram responsáveis por organizar o jantar e arrumar o espaço. Além de estar presente nas reuniões, também fui ao desfile do 20 de setembro¹⁷ junto deles. Ao chegar no desfile, Laura me entregou sua câmera para que eu pudesse tirar fotos dela e dos outros. Acompanhei o piquete por todo o percurso e tirei fotos de todos os que desfilavam. Após tirar fotos no desfile, houve uma competição no final de semana seguinte na cidade de Xangri-lá, onde equipes dos Piquetes do Litoral Norte competiam entre si. Mais uma vez fiquei encarregada de registrar a participação dos laçadores do piquete.

Julgo que minha pequena ajuda ao registrar alguns momentos importantes para os sócios do Piquete, fizeram com que eu me aproximasse e comesse a fazer parte desse lugar. Após essas pequenas ações, fui colocada no grupo das mulheres do WhatsApp do Piquete; passei a estar mais presente nas rodas de conversa durante as reuniões.

Durante o trabalho de campo, outro espaço foi se mostrando essencial para a pesquisa: além de ir aos rodeios e nas reuniões do piquete, acompanhei alguns treinos que aconteciam no Parque de Rodeios da cidade de Osório, durante as quartas-feiras, depois das 18h e nos sábados ao longo da tarde. Após escutar - tanto das mulheres que acompanhei e que laçavam, como também de homens laçadores - que treinar era essencial para se ter um bom desempenho nas competições, decidi ir a alguns treinos.

¹⁷ O desfile do 20 de setembro é uma comemoração, que ocorre anualmente, no tradicionalismo gaúcho. Nesta data entidades tradicionalistas desfilam pelas cidades do RS, vestidos a caráter e algumas pessoas montam em seus cavalos.

Ao chegar nesses treinos, encontrei poucas mulheres e percebi que geralmente eram as mesmas que treinavam, nas vezes que lá estive. A primeira ida a um treino ocorreu em uma quarta-feira; ao chegar lá não encontrei com nenhuma mulher treinando, a não ser a esposa do organizador daquele treino, que relatou que as mulheres normalmente treinavam aos sábados. Por conta disso, resolvi acompanhar os treinos todos os sábados, onde mesmo que em número pequeno, encontrei com algumas mulheres.

Assim, ao longo da pesquisa, acabei por circular em três espaços diferentes. Os rodeios, as reuniões do piquete e também os treinos, sendo que os dois primeiros se localizavam no município de Osório; os rodeios aconteciam em diversas cidades do Litoral Norte/RS.

Diferente das pesquisas realizadas por Silveira (2008) e Pacheco (2012), onde ambas pesquisadoras frequentavam, respectivamente, times praticantes de futsal e voleibol, e encontravam-se frequentemente com as jogadoras pertencentes ao time, durante a minha pesquisa os cenários iam se modificando, conforme a cidade e também os frequentadores. Estabelecer contato com as competidoras, foi uma tarefa complicada, pois nem sempre elas estavam competindo em todos os rodeios. Abaixo, quadro com o nome das cidades onde aconteceram os rodeios, nos quais me fiz presente durante o trabalho de campo.

RODEIOS VISITADOS									
Osório	Imbé	Maquiné	Capivari do sul	Arroio do Sal	Terra de Areia	Passinhos (Distrito de Osório)	Xangri-lá	Cidreira	Túnel Verde (Distrito de Bal. Pinhal)

Tabela 1: Cidades do Litoral Norte

Ao todo foram nove cidades diferentes em que estive; em algumas, tive oportunidade de me fazer presente em duas edições de rodeios: 2018 e 2019.

Por estar em lugares diferentes e não encontrando sempre com as mesmas pessoas, firmar contato com muitas pessoas tornou-se difícil. Porém, consegui estabelecer uma convivência e proximidade com duas laçadoras: Laura e Luísa, ambas sócias do piquete no qual eu frequentava as reuniões, já referido. Essa proximidade se deu por encontrá-las não só em rodeios, mas fora desses também. Dessa maneira, como José, ambas foram importantes para que eu me aproximasse de outras competidoras e fosse reconhecida por elas. Mesmo não tendo maior proximidade de outras mulheres que laçavam, conseguia sempre que as encontrava, conversar e fazer perguntas para enriquecer meu trabalho.

Iniciei as aproximações com o campo em janeiro de 2018 e, aos poucos, fui estando mais presente. No fim do mês de agosto de 2018, passei a frequentar os rodeios com regularidade; como a maioria dos rodeios acontecem ao longo dos meses de março a maio, não consegui estar presente em todos da temporada, pois tive que me afastar do campo no mês de fevereiro, a fim de começar a analisar os dados já obtidos.

Carecida de algumas informações a mais que não consegui ao longo do trabalho de campo, busquei complementar as informações com algumas entrevistas. Ao todo realizei sete entrevistas. Conforme destaca Stigger (2002), a entrevista é um momento em que o entrevistador tem de obter informações em que talvez um instrumento fechado pudesse censurá-lo.

Das sete entrevistas realizadas, apenas em uma precisei utilizar uma ferramenta diferente: as redes sociais. Ao entrevistar Alice, uma das mulheres que laçam, precisei utilizar o WhatsApp. Alice compete todos finais de semana, percorrendo diferentes lugares, inclusive fora do Rio Grande do Sul, tornando-se encontro pessoal inviável. O nome dela é recorrente nas falas das pessoas com quem tive contato e até nas outras entrevistas realizadas, por ser considerada como uma das principais representantes do laço feminino no Estado.

As outras entrevistas foram realizadas com Bruno, patrão do piquete em que frequentei as reuniões. Com José, competidor e também o que me ajudou a

estar circulando pelos rodeios e permanecendo mais próxima dos outros competidores, sua esposa Antônia que o acompanha nos Rodeios. Luísa e Laura, ambas competem a algum tempo e com que pude ter mais proximidade; a última foi a Débora, patroa de uma entidade do Litoral Norte/RS

CAPÍTULO 3. “Tive que ficar em casa cuidando dos bichos para ele ir laçar”: AS DIFERENTES FORMAS DAS MULHERES ESTAREM E PARTICIPAREM DOS RODEIOS CRIoulos.

Trago como parte do título deste capítulo, o depoimento de uma mulher, esposa de um laçador que acompanhei ao longo do trabalho de campo, que se tornou muito recorrente ao longo da pesquisa. Essa mulher, como tantas outras com quem convivi durante um período, por mais que não laçassem, eram de extrema importância para que seus maridos, filhos, namorados pudessem participar das modalidades em que pude estar presente, assim como no trabalho de Saouter (2003), onde a autora destaca que “As mulheres estão bem presentes nos estádios durante as partidas. Sentadas nas arquibancadas, algumas se limitam a uma função de torcedora discreta, outras riem, gritam, insultam” (p.38). Por mais que no rugby e no tiro de laço os homens tenham uma maior participação na competição, as mulheres ocupam diversos lugares nessas práticas.

Propus iniciar este capítulo de análises realizando uma breve elucidação pela escolha da frase que o nomeia, para que os leitores consigam compreender que as mulheres vêm desempenhando diversas funções dentro dos rodeios. No entanto, mesmo que ainda, como na maioria dos casos em que presenciei, as participações das mulheres estejam associadas a práticas ditas femininas. A presença das mulheres nos eventos que cultivam as Tradições Gaúchas é muito recorrente. Elas podem ser encontradas nas arquibancadas, acampamentos, modalidades campeiras, visitando a parte dos comércios, nos shows e bailes.

Assim pretendo trazer, ao longo do texto, registros das diferentes formas das mulheres participarem dos rodeios. Desde as que estão cozinhando até as que vão para torcer e apoiar seus familiares.

A ideia inicial era a de realizar observações em rodeios, seguindo o circuito que ocorre em diversas cidades; pouco tempo após iniciar o trabalho de campo, optei - além de estar presente nos rodeios - por acompanhar alguns treinos e seguir as atividades de um piquete de laçadores em particular.

Foi durante as observações realizadas no piquete de laçadores que tive a oportunidade de me aproximar mais de algumas mulheres. Destas mulheres que frequentavam a entidade onde realizei a pesquisa, apenas três laçavam, competindo nos rodeios e mais de vinte estavam lá para acompanhar seus namorados, pai, marido...

Em toda primeira quarta-feira de cada mês era realizada uma reunião nessa entidade; observei que a reunião servia mais para proporcionar um encontro entre as famílias que ali eram associadas. Durante as reuniões, jantares eram realizadas e sempre dois sócios eram responsáveis por organizar e fazer a comida.

No entanto, apenas os homens estavam associados à entidade; eles eram os responsáveis pelos jantares, mas muito do que se via era as mulheres comandando e organizando.

Antônia: já avisei ao José que a próxima janta é a nossa.

Luísa: Depois da tua é a minha, mas não sei se vou ter parceiro para fazer, a mulher do Joaquim está doente, estou vendo que vai sobrar para mim.

Antônia: a minha parceira nunca aparece, da última vez o marido disse que ela estava na praia, chegou com tudo pronto, não me ajudou em nada (Diário de campo, 07/11/2018).

Por mais que a responsabilidade em organizar os jantares oferecidos durante as reuniões fosse dos sócios e estes eram apenas os homens, o que acontecia, normalmente, era que mulheres se tornavam responsáveis por essa parte, desde a organização até a execução do cardápio. Louro (2003), ressalta que inicialmente quando mulheres ingressaram no mercado de trabalho, as atividades realizadas por elas estavam associadas aos seus afazeres domésticos, associando às mulheres uma única função, assim como era visto durante os jantares realizados nas reuniões, deixando para as mulheres as atividades domésticas, como o preparo da comida e outras atividades a isso associadas. Como pode ser visto na foto abaixo, as atividades domésticas (cozinhar, lavar, etc), eram, quase sempre, realizadas por mulheres.



Figura 2: preparação do jantar.

Estas funções são extremamente associadas às mulheres; aos homens cabe discussões relacionadas a questões de gênero. Para Altmann gênero é entendido:

Como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres, ou, como conceitua Scott (1995, p. 89), é um elemento constitutivo das relações. Na visão da autora, o gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais (SOUSA, ALTMANN, 1999, p.53).

O conceito de gênero seria a construção social, dentro de uma sociedade, responsável por estabelecer funções relacionadas aos papéis femininos e masculinos. Em vista disso, dentro do ambiente da entidade tradicionalista, onde a pesquisa aconteceu, notou-se essa relação de atribuição de papéis ao masculino e ao feminino: homens resolvendo questões referentes a organização da entidade e mulheres preparando os jantares. Em relação a essa distribuição de papéis, Dutra (2012), destaca que desde a entrada das mulheres, de forma oficial, no Movimento Tradicionalista Gaúcho, as funções destinadas às mulheres estão marcadas pelos

estereótipos do gênero feminino. Atividades realizadas por mulheres são de acordo com as 'características femininas'.

Ainda que já se possa identificar mulheres ocupando diversas funções dentro das entidades Tradicionalistas, ainda é possível identificar, na maioria das vezes, que as mulheres são encarregadas de funções que estão de acordo com o gênero feminino. Aos homens fica a resolução dos problemas que ocorrem dentro do piquete. A foto abaixo foi obtida em uma reunião; é possível observar que apenas os homens participavam desse momento.



Figura 3: Reunião dos homens

Durante as observações realizadas nestas reuniões, pude perceber que essa situação das mulheres serem as responsáveis pelas atividades tidas como domésticas, era visto por todos como uma condição normal ao gênero feminino. As mulheres dos sócios estavam naquele espaço para ajudar a organizar, a cozinhar e a lavar a louça. Já as mulheres que não colaboravam com nenhuma das atividades, acabavam se tornando motivos de comentários por outras mulheres que participavam. O excerto abaixo apresenta uma situação onde algumas mulheres se reúnem para falar de outra que não está presente e não colabora com as tarefas do

piquete.

Antônia- A Paula não cozinha, mas se precisar, lava uma louça, faz as compras no mercado, sempre disposta a nos ajudar. Já a mulher do capataz, nunca aparece por aqui e quando vem é raro fazer alguma coisa, só lava o seu prato e pronto, está brabo assim (Diário de campo, 03/10/2018).

Antônia era uma das mulheres mais participativas no piquete, casada com um dos sócios que já havia sido capataz e patrão por muitos anos; era uma das responsáveis por preparar a comida quando aconteciam eventos no Parque de Rodeios. Sempre muito prestativa e mantinha relação harmoniosa com as outras mulheres, mas era comum vê-la fazendo esse tipo de comentário em relação à outras mulheres, principalmente as que não ajudavam.

Por muitas vezes escutei algumas mulheres comentarem que antes, nos dias de evento no piquete, uma mulher era contratada para realizar as atividades domésticas e poupar as mulheres dos sócios daquele serviço. No entanto, boa parte das mulheres frequentadoras do piquete consideravam que não era necessário contratar uma mulher para fazer o serviço, visto que tinham muitas ali que poderiam se revezar e cada uma fazer um pouco. Porém a contratação dessa mulher, que há muito não trabalhava ali, ainda era motivo de conversa. Uma das integrantes disse: “pagavam mais de cem reais para ela vir aqui e fazer uma comida de qualquer jeito” (Diário de campo, 03/10/2018). Para algumas das mulheres mais engajadas nas atividades do piquete, a ideia de contratação de pessoas para realizar as atividades ‘de cozinha e limpeza’ partia daquelas menos comprometidas, as quais costumavam reclamar por ter que se envolver nesse tipo de tarefa. Eram elas que solicitavam que os seus maridos – que eram os ‘sócios’ e, efetivamente, tinham o poder de decisão – contratassem pessoas para isso, e assim ‘poupassem’ as suas esposas.

Desta maneira, a participação das mulheres em atividades domésticas no piquete era vista como uma obrigação de todas as mulheres e as que não ajudavam ou faziam pouco, acabavam por ser reprovadas pelas outras mulheres. Entretanto, os homens, que eram de fato os reais sócios, não participavam dessas atividades ditas domésticas. Existiam alguns sócios que não iam acompanhados de alguma

mulher, e a participação deles em atividades domésticas não era cobrada. Aos homens era destinado a presença nas reuniões de cunho administrativo e a participação no tiro de laço, colocando nas mulheres a obrigação de realizar tais atividades.

Das três mulheres que laçavam, uma era casada com um sócio e outras duas eram filhas de outro sócio, e a mãe de duas que laçavam estava sempre presente durante os encontros no piquete. A esposa de um sócio laçava e também ajudava na hora dos almoços e jantas, já as outras duas, como estavam sempre com a sua mãe, acabavam por não ajudarem, já que a mãe das duas que laçavam estava sempre cozinhando, varrendo ou lavando a louça. Por mais que essas duas mulheres que laçavam não contribuíssem com as tarefas existentes no piquete, elas tinham alguém para fazer a parte delas. Por esse motivo não presenciei, em momento algum, outras mulheres que frequentavam aquele espaço, falando dessas duas que participavam das reuniões, mas não contribuía com as tarefas.

Não era somente no piquete que as mulheres eram encarregadas dos afazeres domésticos (cozinhar, lavar louça), muitas possuíam essas funções também quando iam aos rodeios. Ao longo do meu trabalho de campo, frequentei alguns rodeios na companhia de Antônia e seu marido José; em outros, José foi desacompanhado de Antônia, mas, mesmo assim, ela fazia comida para que ele pudesse levar, como é possível observar no trecho do diário de campo abaixo:

Em Capivari, não pude ir, José tinha que laçar cedo, estava quase doido com medo de que eu falasse que queria ir. Alguém tinha que ficar em casa para terminar de fazer o queijo e a tarde tinha que ajudar o pai dele a pegar os bichos, mas, mesmo assim, mandei um bolo e uns rosquetes para ele lanchar. Eu sei que vai chegar à tarde e ele vai ter fome, não quero que ele vá ao acampamento dos outros sem nada (Diário de campo 06/02/2019).

É possível observar no trecho acima, que no caso do José, era necessário que em determinados momentos a sua esposa Antônia ficasse em casa, realizando suas tarefas para que ele pudesse ir laçar nos rodeios. Observa-se, neste mesmo caso, que Antônia também é responsável por preparar algo para seu marido comer durante o tempo em que ele permanecesse no rodeio.

Levando em conta estes excertos expostos até agora, notou-se que a

presença da mulher dentro da entidade gaúcha, que foi acompanhada durante o trabalho de campo, é muito forte. As mulheres estão presentes nos rodeios, atuando de diversas maneiras. Entretanto, pode se observar que a função que era destinado a elas, mesmo que mulheres já participem do tiro de laço e até mesmo da administração de entidades tradicionalistas, é de preferência os que estão relacionados a tarefas domésticas.

Vale lembrar que, inicialmente, as mulheres não participavam dos CTGs; algum tempo depois foram aceitas, mas tendo os seus lugares definidos conforme a sua atuação.

O tradicionalismo no Rio Grande do Sul, desde a sua fundação até os dias atuais, distribuiu de forma hierárquica os lugares destinados à mulher e ao homem dentro das práticas tradicionalistas, vividas nos CTG's (BECKER, 2010, p. 5).

Mesmo com tantas mudanças, ainda é possível observar os lugares que são destinados aos que fazem parte das atividades tradicionalistas, sendo que em sua maioria são determinados por questões de gênero. Mulheres são responsáveis pelas tarefas domésticas e os homens pela parte administrativa e também por competirem; as mulheres, mesmo competindo, têm as suas 'obrigações' com atividades domésticas.

Numa ida a campo, na cidade de Maquiné, acabei por ir na companhia do José e da esposa Antônia, que demonstrou não estar satisfeita por ir naquele rodeio. Antônia alegava que a ida àquele rodeio "era uma furada", havia chovido e o local era perto de um rio. No excerto registrado abaixo, identifica-se o motivo pelo qual Antônia não queria ter acompanhado o marido:

Ao descer no acampamento do parceiro do José, eu de chinelo pois era verão e estava um dia muito quente, acabei pisando no lodo, era muito lodo! Em algum momento deve ter chovido muito, fiquei com os pés sujos. Antônia me olhou e disse:
-Viú que belo passeio ele me trouxe, em pleno dia de verão.
Tive que concordar com ela (Diário de campo, 13/01/2019).

Não era em todos os momentos que Antônia e outras mulheres, na qual eu tive a oportunidade de conversar, estavam dispostas a acompanhar seus maridos nos rodeios; em muitos momentos elas relatavam que iam porque eles convidavam

e elas não queriam recusar o convite, pois sabiam que o tiro de laço era algo importante na vida de seus companheiros e como 'boas esposas', era certo fazer companhia a eles.

A expressão "boa esposa" não era algo falado por essas mulheres, mas elas destacavam alguns deveres que elas se colocavam para 'deixarem seus esposos satisfeitos', fazendo com que assim elas se tornassem uma boa esposa. Na fala de Maria, extraída de um diário de campo, é possível observar essa atribuição a função feminino: "Eu estava cansada, mas fui no rodeio, pois o meu marido não gosta de ir sozinho, fica emburrado quando não vou, tem que agradar às vezes né"? (Diário de campo, 07/011/2018).

Nesse mesmo rodeio citado anteriormente, presenciei algumas cenas em que as mulheres de competidores exerciam uma outra função, a de apoio:

No lado do acampamento do José e de seu parceiro de laço, tinha um casal de conhecidos, passei lá para dar oi e fiquei conversando com eles por um tempo. Fiquei conversando com a Antônia, Juliana que era casada com o Luiz parceiro de laço do José e a Maria, casada com outro homem que laça e é do piquete também. Em seguida apareceu o marido da Maria e pediu para ela fazer uma massagem em seus pés, ela começou a fazer e rindo disse:

-Juliano as vezes pede uma massagem nos pés, diz que fica melhor para laçar.

Juliano, marido dela completou:

-A massagem desestressa o cara, ajuda a laçar melhor (Diário de campo, 13/01/2019).

No excerto acima, pode-se verificar que durante os rodeios essa visitação de conhecidos entre acampamentos é comum; durante esses momentos, pude participar de várias conversas e ficar mais próxima de algumas mulheres. No entanto, o que me chamou mais a atenção no trecho acima, foi o momento em que presenciei Maria realizando massagem nos pés de seu marido. Para essas mulheres, não era apenas estar lá no rodeio, mas também apoiar e de alguma forma colaborar para que seu companheiro conseguisse estar melhor preparado para a competição. Mesmo que essa forma de ajuda fosse uma simples massagem.

Era muito comum encontrar pessoas conhecidas nestes rodeios, principalmente os "colegas de piquete", onde as mulheres mantinham boas relações. Visitando umas o acampamento das outras, e em muitas vezes, admitindo que não

queriam ter ido, que só estavam no rodeio para fazer companhia/cozinhar.

Depois de um tempo conversando com Maria fui com a Antônia e a Juliana no acampamento delas, já era perto do meio dia, chegando lá estava o José e seu parceiro o Luiz, sentados conversando, Antônia então disse:
-Achei que vocês estavam olhando o laço, podiam ter iniciado o almoço.
José: Não, essa parte é tua, tu que é a chefe (Diário de campo 13/01/2019).

Antônia não discordou da fala do seu marido, apenas começou a preparar as coisas para o almoço, enquanto José e Luiz ficaram sentados e conversando sobre coisas do laço.

Contudo, a participação das mulheres, principalmente as que não participavam do tiro de laço, não se restringia apenas as atividades de cunho doméstico. A participação feminina nos Rodeios Crioulos/tiro de laço, acontecia de diferentes formas e em muitos momentos pude observar mulheres que acompanhavam seus companheiros ou familiares para darem apoio e torcerem. Algumas das quais acompanhei, muitas vezes, só iam até a cancha de laço quando seus familiares competiam.

Laura, uma das mulheres que acompanhei e que competia no tiro de laço, namora um competidor do tiro de laço. Em alguns rodeios que realizei observações, encontrei com ela, mas durante algumas ocasiões ela não estava lá para competir, apenas para ver seu namorado laçando.

Amanda: Não vai laçar hoje?
Laura: hoje não, vim só para ver o Marcos laçar!
Amanda: Mas está deixando de laçar?
Laura: Não, mas não é sempre que dá né. Tem muito gasto, daí venho só para ver o namorado laçar mesmo (Diário de campo, 04/11/2018).

Acompanhar o namorado ou marido durante as competições, era quase que um encargo para essas mulheres; elas estavam sempre presentes nas competições e muitas eram conhecidas por serem companheiras de competidores do tiro de laço. Mesmo Laura, que também competia, era mais reconhecida por namorar um homem que laçava, do que por ela própria laçar.

Silveira (2008), destaca que gênero é uma construção social, onde pode ser identificadas várias formas de representação do que é ser feminino e ser masculino.

Nos espaços onde a pesquisa foi realizada, era muito presente a distinção do que era ser mulher naqueles lugares e do que era ser homem, justificando assim, muitas vezes, porque era destinado às mulheres a preparação das refeições e também presença delas durante as competições, seja para serem espectadoras e torcedoras¹⁸ e aos homens o encargo principal de competidores.



Figura 4: As torcedoras

A função de torcedora por algumas mulheres era levada muito a sério: em alguns momentos encontrei com algumas companheiras de laçadores rezando nas arquibancadas, nos momentos de disputas. Algumas relatavam que não gostavam de olhar o momento em que seus companheiros iriam laçar, por ser um momento de aflição. Geralmente, nos rodeios as mulheres estão em maior número nas arquibancadas, seja torcendo ou apenas assistindo as competições.

Chegando lá a arquibancada estava lotada, a maioria era de mulheres

¹⁸Durante as competições era perceptível a diferença entre torcedores e espectadores. As torcedoras estavam lá acompanhando algum familiar, torcendo por alguém, já espectadores podiam ser qualquer um que estivesse lá apenas com a finalidade de acompanhar as competições, sem necessariamente conhecer alguém que estivesse competindo.

torcendo por laçadores. Tinha um grupo de mulheres que estavam usando camisetas iguais com a frase “apoio técnico” e sempre que uma determinada equipe passava laçando elas vibravam muito quando eles acertavam as armadas (Diário de campo, 22/09/2018).

A frase descrita na camiseta de algumas mulheres ‘apoio técnico’, de fato era algo que elas acreditavam ser, as representava e a todas funções que elas exerciam naquele ambiente, como a de torcer e até registrar as competições, com uso da tecnologia. As mulheres estavam nos rodeios exercendo diversas tarefas, como já aqui referido. Em determinadas conversas que tive, algumas das mulheres contavam que deixavam de realizar outra atividade, de estar em um outro lugar naquele dia, para estar acompanhando seus parceiros. Como podemos observar na fala da Juliana: “ele me convidou para vir, sei que é importante para ele, eu ia na casa da minha mãe, mas achei que seria melhor estar aqui” (Diário de campo, 22/09/2018).

No decurso do trabalho de campo, acompanhei tanto mulheres como homens nos rodeios; em alguns momentos que esses competidores iam desacompanhados de suas companheiras, acabavam por se tornarem motivo de brincadeira entre seus conhecidos:

Luiz: A Juliana não quis vir, trouxe ela ontem laçou até as três horas da manhã, ela arrepiou, hoje já não veio.

José: Bah Luiz! Tu não consegues nem trazer a mulher junto que isso, oh trouxe a patroa hoje para fazer a comida, tá vendo!

Quando algum dos laçadores que encontrei durante a pesquisa, sendo casados ou tivessem namorada e chegassem desacompanhados nos rodeios ou até nas reuniões no piquete, acabavam por sofrer algum tipo de zombaria entre seus conhecidos; a ausência das mulheres gerava algum tipo de especulação entre as outras mulheres, conforme percebi na fala de: “A Juliana não apareceu hoje para não ter que ajudar no almoço e o Luiz inventa que ela não estava bem” (Antônia, 22/09/2018).

Dentre as funções exercidas pelas mulheres nos rodeios (cozinhar, realizar tarefas domésticas e torcer, existia outras como: fotografar e filmar), algumas mulheres ficavam no fundo da cancha para ter uma melhor visão, outras iam até a

casinha¹⁹ do juiz. Durante um rodeio, coube a mim a função de registrar as armadas²⁰ dos laçadores do piquete onde eu frequentava:

No momento em que a equipe do Piquete foi laçar as companheiras dos laçadores apareceram na arquibancada para torcer, mas eu fui no final da cancha para filmá-los, pois já haviam perguntado se eu gravaria as armadas. No outro dia após filmar a equipe deles, o patrão da entidade começou a me chamar de imprensa e pediu para que eu enviasse os registros feitos (Diário de campo, 22/09/2018).

No caso das mulheres competidoras, contavam com a torcida dos seus companheiros. Ainda que os homens estivessem na posição de torcedores, eles acabavam por ser mais discretos do que as mulheres torcedoras. Não vestiam camisetas com frase de apoio, não foi observado eles fazendo registros de imagens nas arquibancadas ou no fim da cancha delas durante as disputas, também não os via gritando ou rezando. Assistiam e vez que outra teciam algum tipo de comentário sobre o que a mulher que estava laçando poderia ter feito: “ela segurou muito a rédea, devia ter afrouxado mais” (Diego, 22/09/2018), única reação deles enquanto torcedores.

Esse contexto observado em relação as formas diferentes de torcida sendo mulher ou sendo homem, vai ao encontro com a fala de Louro, onde a autora coloca que “ser do gênero feminino ou do gênero masculino leva a perceber o mundo diferentemente, a estar no mundo de modos diferentes” (LOURO, 1995, p.106). Desse modo, a forma como homens e mulheres se comportam acontecem de variadas maneiras, estando de acordo com a forma em que se constrói socialmente o comportamento feminino e o masculino em dada sociedade.

¹⁹ A casinha do juiz é uma sala que se encontra ao final da canha de laço, fica elevada do chão, onde pessoas preparadas, através da realização de cursos, ficam ali exercendo a função de juiz, controlando os competidores por meios das regras do MTG.

²⁰A armada é o nome que se refere ao laço jogado nas aspas dos bovinos.

3.1 O comércio gerado pela participação das mulheres

Por se ter uma participação muito assídua das mulheres durante os Rodeios Crioulos, um outro movimento começou a ganhar força dentro desse espaço: o comércio de produtos de cunho mais tradicionalista voltado especificamente às mulheres. Ainda que os homens estejam em um número superior de competidores em relação às mulheres, cada vez mais se observa a criação de produtos (roupas, calçados, joias) e de marcas criadas para mulheres com esse apelo no Tradicionalismo.

Ainda que a vestimenta oficial das mulheres, criada após a sua permissão para participar do Movimento Tradicionalista fosse o vestido de prenda, a autora Dutra salienta que:

A partir de algumas passagens e relatos a respeito da vestimenta feminina, de alguns vestígios do passado e também da criatividade da mãe de Paixão Côrtes que confeccionou o primeiro “vestido de prenda” para sua filha participar do baile Gaúcho em 1947, foi elaborada a primeira versão do futuro vestido de prenda, apresentado publicamente pelo CTG 35 em 1949 e regulamentado como indumentária oficial das prendas (DUTRA, 2002, p.68).

O que se encontra hoje, relacionado a vestimenta das mulheres que frequentam os rodeios, é algo totalmente diferente do que foi pensando no início do Movimento Tradicionalista, como a autora descreve acima. O vestido de prenda, vestimenta que era a oficial das mulheres, é quase uma peça rara, não se encontrou durante a pesquisa alguma mulher que usasse tal acessório.

Sobre isso, durante uma observação feita em um rodeio, fui acompanhar Antônia e José em um estabelecimento que vendia artigos campeiros (encilhas, vestimentas, acessórios), José estava procurando um chapéu. Enquanto José estava concentrado olhando a infinidade de chapéus expostos e Antônia vasculhando a loja, comecei a conversar com uma vendedora que havia nos atendido. Logo ao chegar eu tinha avistado uma arara com uns três vestidos de prenda expostos e uma infinidade de bombachas, o que acabou me chamando a atenção. Fui indagar a vendedora, querendo saber se as mulheres procuravam

ainda pelo vestido de prenda, já que era incomum encontrar alguma vestindo tal peça.

Amanda: Os vestidos de prenda têm muita saída ainda?

Vendedora: Tem, não como antes, mas se vende alguma coisa ainda.

Amanda: Mais do que bombacha feminina?

Vendedora: Não, as bombachas femininas são muito vendidas, quase mais que as dos homens. As mulheres laçam também, o vestido é mais durante a Semana Farroupilha e mais para crianças. (Diário de campo, 02/06/2018).

Isso me leva a pensar que a participação das mulheres nas práticas corporais campeiras acabou fazendo com que fossem criadas para elas as mesmas vestimentas que eram usadas pelos homens, desde a criação do Movimento Tradicionalista, colocando o vestido de prenda, não mais como a peça principal da vestimenta feminina. Mesmo mulheres que não laçavam faziam uso de tal peça, afirmavam que era confortável e que usar vestido em rodeio era algo inimaginável, pela falta de conforto que tal peça proporcionava. Em conversa com Laura, uma das competidoras que acompanhei, cheguei a perguntar se algum dia ela usaria ou já havia usado o vestido, ela riu ao responder: “quando criança sim, agora nem pensar que coloco um vestido, fica esquisito” (Laura, 09/01/2019).

A grande procura por acessórios relacionados ao Movimento Tradicionalista fazia com que marcas fossem sendo criadas e algumas pessoas passassem a representá-las até fora dos rodeios. Grupos de WhatsApp foram criados para a promoção de peças. Particpei de um desses grupos, fotos de roupas com estampa de cavalos, ferraduras entre outras eram enviadas e as pessoas que se interessavam pediam para que a mulher que estava vendendo levasse até elas, o que acontecia nos rodeios. Mesmo durante as reuniões do piquete que eu acompanhava, era comum escutar conversas entre as mulheres que falavam de roupas e acessórios das marcas associadas ao Movimento Tradicionalista Gaúcho. Algumas marcas eram muito conhecidas entre essas mulheres e acabavam colocando em destaque quem possuía determinada peça.

A venda de acessórios também era comum durante as reuniões, joias com desenhos de cavalos, feitas com material que lembrasse o laço que se usa pelos competidores ganhavam destaque nas rodas de conversas.

Outro ponto que me chamou a atenção foi que Rafaela casada com um dos sócios levou para a reunião uma caixa com semijoias (quase todas com desenhos que remetessem a cultura gaúcha) para oferecer às outras, gerando uma espécie de mercado dentro daquele contexto. A maioria das que estavam ali já conheciam a mercadoria, já usavam alguma coisa comprada da Rafaela e outras estavam fazendo encomendas de peças que já tinham esgotado (Diário de campo, 05/09/2018).

As mulheres não queriam apenas estar presentes naquele contexto, mas também, mostrar que faziam parte dele, pela forma como se vestiam, expressando, através de acessórios, o gosto pelo Movimento Tradicionalista.

Esse comércio voltado às mulheres que frequentam os rodeios, muitas vezes, acaba ditando a maneira como devem vestir-se durante o evento; não raro, encontrava com grupo de mulheres que andavam juntas e pareciam vestir quase que a mesma roupa. Era fácil distinguir as mulheres que faziam parte daquele 'mundo dos rodeios' das que estavam ali para visitar ou conhecer.

Essa aproximação das mulheres que não eram competidoras, com objetos que remetessem à cultura gaúcha, de certa forma, faz com que elas fossem identificadas como frequentadoras dos rodeios. As mulheres que são competidoras fazem uso da indumentária gaúcha (bombacha, bota, chapéu) e, facilmente, são identificadas como componentes desse meio; as não competidoras parecem carecer de algum acessório que pudessem identificá-las como pertencentes daquele espaço.

Em vista disso, além de se ter objetos que se referem à cultura gaúcha, com a popularização das redes sociais na atualidade, também foram sendo criadas páginas que mostram conteúdos voltados às mulheres que tem interesse e inclinações ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, permitindo compartilhar fotos desse 'estilo de vida campeiro'.



Figura 5: O jeito de ser mulher gaúcha



Figura 6: Acessórios tradicionalistas

Cada vez mais vem crescendo e tomando proporção muito grande, o número de páginas relacionadas às tradições gaúchas com adorno para mulheres,

o que acabou elevando o crescimento de produtos destinados a essas compradoras que frequentam os rodeios. É possível encontrar marcas diferentes que possuem diversos produtos, sendo que todos estão voltados a essas compradoras específicas: as mulheres que participam dos Rodeios Crioulos e querem ser identificadas como tais.

Ao longo das últimas páginas esforcei-me para apresentar histórias de mulheres que participam/frequentam rodeios. São diversas formas de participar, seja para realizar atividades domésticas, como torcedoras ou até mesmo as que geram um comércio relacionado aos produtos vendidos nos rodeios. Em todas essas formas de participação, foi possível detectar a importância das mulheres nesse espaço, não somente pelas atividades exercidas por elas, mas essa relevância estava exposta nos discursos das pessoas com quem pude conviver durante o trabalho de campo.

Por mais que os homens tivessem um número maior de participantes no tiro de laço, a presença feminina, geralmente, era muito superior à masculina, embora estivessem nos rodeios para cuidar dos acampamentos e fazer a comida e outras atividades afins, isso era tido como uma tarefa de grande importância; muitas se orgulhavam disto e se preocupavam quando não podiam estar presentes nesses eventos: “Mande um lanche para o Juliano, não fui e à tarde ele costuma tomar café” (Maria, 06/02/2019). Por mais que se entenda que as mulheres atualmente adquiriram espaços não ocupados até então, ainda é muito forte essa relação de tarefas domésticas serem de responsabilidade feminina. Mulheres e homens ocupam diferentes espaços e realizam atividades de acordo com contexto onde eles foram criados, fato este que leva a essas mulheres que estão participando dos rodeios a ocuparem determinados lugares, mas não as excluem de participarem de outras atividades.

As mulheres estão participando dos rodeios de formas variadas e tendo um reconhecimento pela sua participação, o que levou o Patrão do P.L., durante a última observação que fiz na entidade, a abrir a reunião, onde só os homens podiam participar pelo fato de só eles serem associados, as mulheres darem opiniões. Segundo ele: “você meninas que estão sempre aqui podem falar alguma coisa,

dar sugestões também” (Bruno, 06/03/2019). Foi a primeira vez que a reunião esteve aberta às mulheres. Durante o desfile da Semana Farroupilha em 2018, as mulheres da entidade, junto a um sócio, desfilaram à frente, carregando a faixa com o nome do P.L.



Figura 7: Desfile Farroupilha

Essas ações que vem ocorrendo, estão fortalecendo a participação das mulheres a um lugar antes frequentado apenas por homens. Desfilarem à frente de uma entidade tradicionalista, também gerar e movimentar um mercado de produtos característicos ao meio rural, demonstra o quanto a participação feminina vem se construindo com força dentro dos rodeios. Tanto que foi criada uma modalidade de tiro de laço específica às mulheres: o 'laço prenda', aumentando o número de competidoras a cada ano, fazendo com que os rodeios valorizem mais essa categoria, passando a ofertar grandes prêmios.

No decorrer do próximo capítulo, vou tratar justamente da participação das mulheres na prática do tiro de laço, atividade que foi pensada e disputada, inicialmente, por homens; atualmente, é crescente o número de participantes

femininas, colocando-as nas grandes disputas dos rodeios.

CAPÍTULO 4. “ELA LAÇA IGUAL A UM HOMEM”: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA PRÁTICA DO TIRO DE LAÇO.

No decorrer das últimas páginas pode-se ver as diferentes formas das mulheres participarem dos rodeios, sejam elas como espectadoras, torcedoras, cozinheiras ou até mesmo ficando em casa para que seus familiares pudessem ir competir. Essas atividades eram somente o que as mulheres faziam nos rodeios, pois inicialmente quando o tiro de laço passou a ser praticado, as mulheres não competiam, apenas os homens. Atualmente as mulheres também se tornaram competidoras e cada vez mais estão presentes nos rodeios laçando.

Assim, este capítulo tem como sua principal finalidade, além de ser o foco principal da pesquisa, trazer elementos, a partir do trabalho de campo, para que se possa compreender como mulheres participam da prática do tiro de laço. Atualmente, ainda se encontra um número maior de participantes homens, dentro das competições observadas, mas as mulheres vêm laçando e ocupando espaços, anteriormente não destinados a elas.

Ao longo do trabalho de campo, onde acompanhei algumas competidoras durante competições e também fora destas, compreendi que algumas questões faziam com que essas mulheres participassem do tiro de laço. Uma das questões era gostar de laçar, de ter um envolvimento com a cultura gaúcha e também pelo fato de suas famílias frequentarem aquele ambiente. Assim, o que será descrito a seguir é a maneira como as mulheres participam desta prática, relacionando com as questões de gênero que atravessam este espaço.

4.1 As Prendas no Laço

No começo era só os homens que tinham fazenda ou trabalhavam no campo ou para quem tinha campo. O pessoal que ia nos rodeios já sabia laçar, aprendia pegando o gado no campo. Era só os homens mesmo, mulher não trabalhava no campo, não era coisa delas, então elas não laçavam também (Diário de campo, 19/12/2018).

O fragmento do texto acima foi extraído de uma das várias conversas que tive com José, homem de meia idade, muito conhecido pelas premiações em diversas competições e laçar a muito tempo, inclusive esteve presente nas primeiras edições de diversos rodeios do Litoral Norte/RS e também de fora do Estado. José viu e participou muito do início das competições do tiro de laço no Litoral Norte gaúcho e, segundo ele, no início as mulheres não competiam, a participação delas levou um bom tempo a acontecer depois que os primeiros rodeios foram surgindo.

Como já relatei em outro momento do texto, venho de uma família de competidores do tiro de laço; assim, desde de muito pequena frequento os rodeios. Nas lembranças que tenho dos rodeios enquanto criança, não recorro de ver mulheres laçando, ou de existir a modalidade do laço de prenda.

A modalidade do laço prenda²¹ é recente; não existem dados comprobatórios de início dessa prática nos rodeios. O tiro de laço inicialmente contava com poucas competidoras, muito amadoras e os prêmios ofertados eram bem baixos, mas também não havia taxa de inscrição das competidoras. Atualmente essa realidade vem se modificando; em alguns rodeios chegam a participar quase cem mulheres inscritas no laço prenda. Todas pagam para laçar e o número de concorrentes é estabelecido de acordo com a premiação. Se for um prêmio bom, o número de mulheres disputando vai ser alto; se não for tão bom assim, o número de inscritas é reduzido. A imagem abaixo foi registrada no momento em que as mulheres se preparavam para competir na modalidade das prendas.

²¹ O laço prenda é uma das inúmeras modalidades existentes nos rodeios, sendo que essa é disputada exclusivamente por mulheres. As outras existentes (duplas, laço patrão, laço capataz), não tem restrição para homem ou mulher. No entanto algumas contam com um pré-requisito, para laçar o patrão é necessário ser patrão de uma entidade tradicionalista.



Figura 8: Modalidade das Prendas

Em determinados rodeios, quando são ofertados ‘grandes prêmios’²², como um reboque, por exemplo, e o laço prenda também acaba ganhando uma outra nomenclatura junto desses grandes prêmios. Esses rodeios acabam denominados de: “Soberanas do Laço”, “Rainha do Litoral”, “As Dez Mais”, entre outros, além de ofertarem às campeãs, camisas com a estampa desses nomes. Essa é uma maneira de divulgar esses rodeios em outros lugares, além de chamar a atenção das competidoras, que querem ostentar o título de “Soberana do Laço”. As mulheres que competem sempre vêm acompanhadas dos seus familiares, o que gera um número maior de participantes nos eventos. A divulgação se dá pelo uso das camisas que as campeãs recebem e pelas fotos exibidas em seus perfis nas redes sociais.

Na imagem abaixo, é possível observar uma competidora vestindo uma camisa onde consta o nome do local do evento.

²²Os grandes prêmios oferecidos nos rodeios para a modalidade de prendas geralmente são um reboque como já mencionado, moto, ou um valor alto em dinheiro.



Figura 9: As dez mais do laço

Apesar de ocorrerem grandes evoluções em relação à participação das mulheres e existir uma modalidade específica para elas nos rodeios, o laço prenda ainda é colocado em horário onde tem pouca notabilidade, o que ocorre, na maioria das vezes, aos domingos de manhã. Como no caso de um rodeio que acompanhei, a modalidade das prendas foi a primeira disputa do domingo.

O laço prenda estava marcado para começar as 7:30 da manhã, seria a primeira disputa, cheguei lá por volta das 8H30, mas como estava chovendo muito, havia atrasado o início da competição, assim pude acompanhar quase toda a modalidade. Chovia muito, mas, mesmo assim, muitas mulheres estavam competindo e apesar de ser um horário muito cedo a arquibancada estava bem cheia (Diário de campo, 20/01/2019).

Contudo, a modalidade do 'laço prenda' sendo a primeira competição do dia e começando às 7h30min., muitas pessoas estavam acompanhando nas arquibancadas. O interesse pelo laço prenda vem crescendo, não somente por mulheres que querem disputar, mas também por outras pessoas que estão lá

apenas para acompanhar essa modalidade como espectadores. Nos rodeios que acompanhei, algumas vezes, durante a disputa das prendas, os narradores anunciavam que as prendas deveriam realizar aquela disputa durante “o horário nobre” do domingo. Para os competidores do tiro de laço, laçar no “horário nobre” significa laçar durante a tarde, momento em que tem o número maior de espectadores assistindo na arquibancada.

Um dos motivos que gera esse elevado número de espectadores durante as disputas de laço prenda, mesmo que eles ocorram no início da manhã, se deve de acordo com outros competidores, ao fato de algumas competidoras estarem em um grau considerado de excelente nível. Fato este que podemos observar na fala do José:

No começo não tinha muita guria laçando, era meia dúzia, mal pegavam uma armada. Daí hoje tem umas que laçam igual os homens, competindo de igual. Daí chama a atenção, todo mundo passa a saber quem são elas. Pode ver que as boas sempre estão na final das disputas (José, diário de campo, 13/02/2019).

De acordo com José, as mulheres que competem no tiro de laço passaram a chamar atenção por conta da evolução da sua habilidade. No entanto, nem todas estão no mesmo nível de disputa, fazendo com que constantemente, só algumas cheguem ao final das disputas e se tornem as campeãs.

Outro ponto relevante desse trecho é uma fala que foi muito recorrente ao longo do trabalho de campo, e acabou se tornando parte do título desse capítulo: “ela laça igual aos homens”. Muitas vezes quando eu estava sentada na arquibancada e uma dessas competidoras que se destacavam passavam laçando, era comum escutar alguém pronunciar essa frase, ou até mesmo durante conversas nos acampamentos eram feitos comentários como: “aquela guria parece um homem laçando”. Essa frase era muito ouvida sobre as mulheres que laçam e se destacam nas provas do tiro de laço, vem ao encontro a muitas questões relacionadas ao gênero e a participação de homens e mulheres em práticas esportivas. Jaeger (2006) descreve que muitos dos argumentos estão associados à questões biológicas para defender o domínio masculino nos esportes e em vários outros contextos. Ainda de acordo com a autora:

[...] a mídia tem tratado com desigualdades mulheres e homens nas suas coberturas esportivas, priorizando a presença masculina em seus programas e marginalizando mulheres. Quando se veicula reportagens sobre a prática esportiva feminina elabora as suas matérias, geralmente, comparando as performances das mulheres em relação às dos homens na mesma modalidade (Jaeger, 2006, p. 204).

A visibilidade em torno das mulheres que praticam esportes, que competem, assim como no tiro de laço é visivelmente menor do que a dos homens. Quando algumas dessas mulheres praticantes ganham algum tipo de destaque, o que acaba ocorrendo é uma comparação do desempenho de mulheres com homens, assim como visto na frase ouvida por muitas vezes no trabalho de campo “laço igual a um homem”.

Essas questões relacionadas ao conceito de gênero, o que diferencia as mulheres dos homens, vivem cercadas por debates e diferentes perspectivas sobre o seu entendimento. Uma dessas relacionadas a este conceito, a pós-estruturalista e que é seguida por Meyer (2004), onde a autora destaca que as diferenças entre as mulheres e os homens estão relacionadas as construções sociais destes; durante o trabalho de campo, o que foi possível ainda observar, a partir das falas das pessoas que encontrei no campo, é que as questões tidas como biológicas ainda são elementos utilizados para se estabelecer as diferenças na participação de mulheres e de homens. Goellner também se opõe que as diferenças entre mulheres e homens sejam pautadas por questões biológicas. Para essa autora, existem várias formas de ser mulher e de ser homem, sendo que nenhuma se relaciona com a questão biológica.

É necessário pensar, então, que os sujeitos não são apenas homens ou mulheres, mas homens e mulheres de várias etnias, classes, religiões, gerações, etc., Portanto, há diferentes mulheres e diferentes homens sendo que suas identidades se constroem ao longo da vida através de inúmeras práticas sociais (GOELLNER, 2007, p. 180).

Tanto para Meyer quanto para Goellner, as questões que diferenciam as mulheres dos homens são construídas socialmente, a partir das vivências de cada sujeito. Contudo, a questão de laçar igual a um homem, característica dada às competidoras que se destacavam no tiro de laço, se relaciona muitas vezes com a aparência física de algumas mulheres, em relação à força e também pelo fato de

que apenas os homens laçavam bem. Logo, quando uma mulher laça bem é porque está se igualando ou parecendo com um homem. Às mulheres competidoras que muitas vezes se tornavam campeãs da modalidade de laço prenda e até de outras existentes nos rodeios, eram colocados alguns atributos que naquele espaço só pertencia aos homens: “olha o tamanho do braço dela”, “ela é graudona, tem força” (Diário de campo, 18/01/2018). Em uma entrevista feita com uma competidora, essa questão do preparo físico dos homens em relação ao das mulheres fica evidente em uma das respostas:

Amanda: São poucas mulheres que chegam nesse mesmo nível que tu chegaste no tiro de laço, comparado ao número de homens, qual o motivo tu podes apontar que leva os homens a se destacarem mais que as mulheres?

Alice: Maioria dos homens tem mais apoio, se dedicam mais, tem mais vontade, tem mais patrocínios, eles têm um corpo mais preparado, tem que treinar para tentar chegar perto do nível deles (Diário de campo, 29/01/2019).

Para Alice alguns fatores fazem com que os homens se destaquem mais nas competições do tiro de laço. Alguns estão relacionados ao patrocínio, sobrando mais tempo para se dedicar e treinar. Além da questão biológica destacada por ela, como o corpo mais preparado, o que faz com que mais homens se destacassem no laço do que as mulheres. E as mulheres que ganhavam as competições de laço, não era nelas observada a sua qualidade ou até um certo ‘dom’, mas sim além de resistência para enfrentar certas adversidades, como as do clima, se elas possuíam força para poder bolear bem uma armada, assim como os homens que, biologicamente, possuem mais força do que as mulheres.

Contudo, quando se referia aos homens que laçavam bem e se destacavam nas competições, a força não era sinônimo de qualidade: “O cara laça bem, também é só o que faz” (Diário de campo, 20/09/2018); “Eu sou diferenciado, tenho um dom, sempre ganhei os rodeios” (Diário de campo, 16/09/2018). Aos homens a dedicação, quase que exclusiva ou até ‘ter o dom’ era o que fazia com que alguns se destacassem, diferente do que ocorria com as mulheres.

Assim sendo, esse acabou por se tornar um contexto onde as questões biológicas vêm ainda se sobrepondo a outras, para determinar as diferenças de

gênero, principalmente durante a prática do tiro de laço, onde, para os próprios participantes, mulheres ‘necessitariam’ de características masculinas para se saírem bem. Conforme descreve Meyer, o gênero não é associado apenas a uma perspectiva; este conceito vem se relacionando com questões opostas a determinações biológicas, estando associado a cultura das pessoas. De acordo com a autora:

Por um lado, gênero vem sendo usado como um conceito que se opõe – ou complementa – a noção de sexo biológico e se refere aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a (s) cultura (s) inscreve (m) sobre corpos sexuados. [...]. Ou seja, em algumas dessas vertentes continua-se operando com o pressuposto de que o social e a cultura agem sobre uma biologia humana universal que os antecede (MEYER, 2004, p.15).

Desse modo, as questões biológicas ainda estão muito presentes quando se pensa nas diferenças entre mulheres e homens. Em vista disso, em um dos primeiros excertos do diário de campo exposto aqui nesse capítulo, onde José fala que “inicialmente só os homens competiam nos rodeios, pois era uma competição em que os participantes eram homens que trabalhavam no campo, na lida com o gado”, podemos pontuar que essa relação inicial da não participação feminina no tiro de laço se dá pela condição de atuação das mulheres.

Podemos considerar que, por mais que alguns competidores do tiro de laço coloquem questões biológicas como essenciais para prática dessa atividade, a construção social dos papéis de mulheres e homens na sociedade também é vista como responsável por determinar as atividades feitas por determinado sexo. Deste modo não podemos descartar outros apontamentos, como as questões sociais e apenas colocar os fatores biológicos como única questão que diferencia a participação das mulheres em relação aos homens no tiro de laço.

Feita essa pequena reflexão em relação às perceptivas alusivas ao gênero e a relação dessas com o campo estudado, retornamos as questões primordiais da participação das mulheres no laço.

Durante uma ida ao campo em um evento: o ‘Desafio dos Muralhas do laço’, devido a taxa de inscrição e prêmio bem altos, houve escassa procura por competidores do tiro de laço: total de trinta e seis; destes, apenas duas mulheres.

Escutei a fala de um homem, que também laça, mas não estava participando daquele desafio, que me fez pensar que o preconceito ainda era presente naquele espaço em relação às mulheres que laçam. O homem, identificado como Bruno, estava organizando uma aposta entre as pessoas que estavam na arquibancada.

Em determinado momento os laçadores que estavam ali apenas olhando começaram uma aposta, quem quisesse participar deveria jogar 50,00 em um dos laçadores que estivessem disputando o desafio das muralhas do laço, não podiam apostar no mesmo nome. Os laçadores que estavam participando deste desafio eram conhecidos por estes que estavam na arquibancada, por sempre estarem nas disputas de grandes rodeios e por muitas vezes vencerem, acabaram se tornando famosos no mundo dos rodeios e muitas vezes admirados pelo seu desempenho nas canchas.

As apostas começaram eles chegaram a quase 600,00 de apostas, vários nomes dos laçadores estavam no caderninho das apostas, menos 1 o da única mulher que ainda estava na disputa Alice.

O laçador que estava organizando as apostas Bruno, de maneira um pouco debochada disse a sua esposa:

– Te empresto 50,00 para apostar na Alice

Ela respondeu:

-Por que tu não apostaste nela?

Ele ficou calado, não a respondeu só deu uma risada.

Fagundes que estava ao meu lado, mas não participando da aposta, disse em tom alto

-A Alice laça melhor que muitos homens que estão ali competindo, de igual. Não apostaram nela pois são machistas, não querem admitir que uma mulher laça melhor que eles, tudo machista (Diário de campo, 02/09/2018).

A questão do preconceito em relação às mulheres que laçam é presente, mas de uma maneira disfarçada, outros laçadores não falam de maneira clara, assim como o Bruno que em tom de brincadeira acabou por ironizar a participação da única mulher naquela disputa. O não apostar em uma mulher, não se deu pelo fato de eles terem certeza que ela não iria vencer, pois alguns homens que estavam ali competindo nesse desafio, não eram vistos como adversários diretos para a Alice, mas tiveram apostas feitas em seus nomes. No entanto, nenhum deles iria apostar em uma mulher, pois não assumiriam que ela pudesse ser melhor que um deles.

Deste modo, é possível observar que nas falas expostas no trecho do diário de campo, a mulher que estava participando daquele desafio, por mais que tivesse um bom desempenho em outras competições, ali era vista como não sendo uma boa aposta. Por mais que Bruno fosse o responsável por gerenciar a aposta e

ironizar a participação da Alice no desafio das muralhas, nenhum dos outros presentes chegou a cogitar realizar a sua aposta no nome dela. Nenhum acreditava que uma mulher conseguiria bater todos aqueles outros competidores. Vale ressaltar que todos que estavam ali competindo naquele desafio eram pessoas conhecidas pelos que frequentavam os rodeios, incluindo a Alice.

Por mais que Alice de fato não tenha conseguido vencer, ela chegou entre os dez últimos competidores e acabou perdendo a armada, mas ficou na frente de alguns nomes que estavam nas apostas feitas. Mesmo não vencendo, contrariou muitas apostas, ficando na frente de vários nomes que foram apostados. Talvez alguns dos que apostaram soubessem que isso poderia acontecer, pois os que estavam participando da aposta eram pessoas que laçam, conheciam os que estavam competindo, conheciam a Alice e sabiam da sua habilidade; tudo isso fez com que ela pudesse chegar à frente dos outros competidores.

A questão que envolve a participação das mulheres em esportes e, muitas vezes, acaba por discriminá-las e, em determinadas épocas, chegou até serem impedidas de participarem em atividades esportivas, podem estar relacionadas com o raciocínio descrito por Goellner: “A lógica que sustenta afirmações desse porte é aquela que vê homens e mulheres como seres diferentes e em oposição, possuidores de corpos que são igualmente diferentes e se constituem, igualmente em oposição” (Goellner, 2007, p.185). Assim o homem tende a ter um corpo mais apto para a realização de atividades esportivas, enquanto as mulheres são vistas como mais fracas, delicadas e tendem a realizar atividades mais propensas a sua forma corpora

Todavia, essa visão de que mulheres só participam de determinados esportes, aqueles que exaltem atributos da ‘essência feminina’, hoje já não é mais considerado.

O MMA é uma prática esportiva moderna [...] Dentre os esportes considerados socialmente como masculinos e que têm seu “nascimento” nas terras brasileiras [...] Com relação à inserção das mulheres na modalidade, destaca-se o ano de 2013, pois, no dia 23 de fevereiro, o Ultimate Fighting Championship (UFC) promoveu sua primeira luta entre mulheres (Fernandes et al, 2015, p. 369).

Assim como tantas práticas esportivas, o MMA é considerado socialmente

masculino, tendo a primeira participação feminina oficial apenas em 2013, mas conforme a autora, as mulheres vêm participando das lutas a algum tempo. Desta forma, vai se descaracterizando que determinados esportes sejam praticados apenas por homens, mas não impedindo que as mulheres, por mais que tenham sua participação aceita, deixem de sofrer algum tipo de hostilidade. Durante a entrevista com a competidora Alice, ela deixa claro que ainda existe certa discriminação:

Amanda: Ao longo desse tempo todo que tu laças já enfrentou alguma dificuldade ou preconceito por ser mulher e competir com uma maioria de homens?

Alice: Sim sempre tem, até as vezes os homens não querem laçar comigo por ser mulher, mesmo eu sendo do mesmo nível que eles ou até melhor, isso acontece.

Amanda: Quando alguém se nega a laçar contigo qual a tua reação?

Alice: Na verdade nunca me negaram, eu espero convite, mas tipo como falei ali em cima que tem homem que fala, mulher não laca comigo ou na minha equipe esse tipo (Alice, 29/01/2019).

É possível ver na fala da Alice que por mais que ela esteja em alto nível de rendimento no tiro de laço, muitos homens não queriam laçar com ela. Durante a pesquisa, as razões por homens se negarem a laçar com mulheres em algumas vezes, como relatado por Alice, não foi encontrado. Não era um assunto tocado pelos competidores. Na pesquisa realizada por Damo (2007), o autor destaca que os meninos que jogavam bola na rua Leão XIII, argumentavam que as meninas: “Não sabiam jogar e por isso atrapalhavam o jogo. Os argumentos mascaram, em grande parte, o fato de que o jogo com presença de meninas tende a ser interpretado, pelos próprios meninos, como um jogo que não é jogado a valer” (p144). Damo (2007), identificou que, para os meninos, vencer uma menina não era considerado algo digno de mérito, mas perder para ela era, isso sim, um demérito.

Quanto as jogadoras de futsal que participaram da pesquisa da Silveira (2008), muitas daquelas eram muito habilidosas, mas diferentes de homens talentosos no futebol, não tinham chances de prosperarem nesse esporte, assim como as mulheres que competem no tiro de laço, onde muitas vezes não eram vistas por alguns homens como uma possível integrante de suas equipes para as competições. E como relatou Alice, mesmo que ela tivesse um bom rendimento,

esperava por convites dos competidores para laçar, tinha receio em convidá-los, o que mais uma vez não se observa em relação aos homens. As oportunidades a eles nos esportes são desiguais em relação às mulheres nas práticas esportivas, começando com a sua participação que é sempre aceita e possibilitando que eles tenham maiores chances de crescerem nos esportes, sendo jogando futebol ou competindo no tiro de laço.

No entanto, como Alice destacou que está em um nível de competição igual ou até melhor do que muitos homens, sempre acaba recebendo convites para laçar com alguém do sexo oposto. Silveira (2008), ao realizar seu estudo com um time de futsal feminino, descreve que as mulheres investigadas iniciaram jogando o futebol de rua, onde se encontra exclusão de meninas quando não são consideradas boas jogadoras, também pelos meninos julgarem não ter graça jogar contra meninas. Algumas das jogadoras por ela investigadas relataram que a exclusão durante essa prática na rua com meninos não ocorria: “Luana, por exemplo, afirma ser a única menina que jogava na rua e apesar disso era bem-aceita pelos meninos” (p.72). A questão de ser aceita ou não, nessas práticas consideradas masculinas, se relaciona com diversos fatores, incluindo o desempenho das mulheres, como no caso de Alice que conquistou destaque no tiro de laço por ganhar diversas modalidades nos rodeios e mesmo com seu espaço conquistado ainda passava por situações um tanto discriminatórias.



Figura 10: Todos os olhares nas prendas laçando

Porém, ao conversar com outras mulheres que competem no tiro de laço a questão de preconceito, exclusão por parte de outros competidores, não é uma situação na qual elas vivenciaram.

Amanda: tu já sofreste algum preconceito por ser uma mulher que laça?

Laura: Comigo não, nunca me falaram nada, sempre foi bem tranquilo. (LAURA, 09/01/2019).

Amanda: Por ser mulher e laçar com a maioria de homens, tu já percebeste algum tipo de discriminação?

Luísa: Eu nunca escutei nada, comigo nunca aconteceu, mas tipo assim já escutei histórias de que acontecem com outras meninas. Tipo de homens que laçam falarem alguma coisa, o que uma mulher quer laçando (LUÍSA, 05/12/2018).

Ao contrário do que aconteceu com uma das mulheres investigadas por Silveira (2008), que disse não ter sofrido nenhuma discriminação no tempo em que jogava com meninos, por ser uma 'boa' jogadora, Alice que é tida como uma das

principais²³ competidoras femininas do tiro de laço no Estado do Rio Grande do Sul, relata ter passado por situações de hostilidade. Para Laura e Luísa que se encontram em um nível abaixo²⁴ de Alice, relatam não ter nenhum problema por ser mulher e laçar, talvez seja porque elas não fazem ‘sombra aos homens’, o que não ocorre no caso da Alice.

Outro ponto em comum com as mulheres que fizeram parte da pesquisa de Silveira (2008), com as que fazem parte dessa pesquisa, é a relação da participação dos pais para o ingresso dessas mulheres tanto no futsal quanto na prática do tiro de laço.

Muitas jogadoras afirmam que o pai participava do universo do futebol, e, muitas vezes, elas os acompanhavam.

O pai de Helena, por exemplo, era treinador de um time de futebol na cidade de Santo Augusto, e ela o acompanhava. O pai da praticante Luana, que também era treinador de time de futebol, teve importância na iniciação dela no esporte (SILVEIRA, 2008, p.74).

Em relação aos pais das jogadoras citadas acima, todos eles participavam do universo do futebol e as meninas, até mesmo antes de jogar, já iam nas competições acompanhando os seus pais. Assim como no tiro de laço, no caso de Alice, Laura, Luísa e Diana, os pais de todas laçavam e elas iniciaram no tiro de laço por incentivo deles: “comecei com o incentivo do meu pai e irmão, eles já praticavam a algum tempo e resolvi segui-los” (Alice, 29/01/2019); “meu pai laçava no rodeio aqui da cidade, eu sempre ia junto, até que resolvi começar a laçar também” (Diana, 12/10/2018); “desde pequena acompanho meu pai nos rodeios, daí sempre quis laçar, algo natural” (Luísa, 06/02/2019); “eu via as gurias laçar, indo no rodeio com o pai, daí ele me incentivou” (Laura, 07/11/2018). Além desses incentivos para que começassem a laçar, os pais também eram responsáveis por auxiliá-las no início.

Ainda que o incentivo vindo dos pais dessas competidoras fosse um primeiro passo para que elas começassem a laçar, ver outras mulheres competindo,

²³Alice ao longo de sua carreira dentro do tiro de laço coleciona vários títulos, e muitos prêmios, como: 3 carros, 47 motos, e o título de campeã Internacional do rodeio da Vacaria, um dos principais rodeios do Rio Grande do Sul.

²⁴Laura e Luísa, não ganharam nenhum carro, moto e nunca participaram do rodeio Internacional da Vacaria, apenas competem nos rodeios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

ver que agora elas também passavam a ter um espaço entre os homens no tiro de laço, eram elementos que davam força para que as mesmas iniciassem nessa prática. Durante as observações feitas nos rodeios presenciei alguns pais ajudando as suas filhas na hora da competição:

Estava no corredor onde os competidores ficam durante as disputas. Era hora do laço prendinha, modalidade que meninas que tem menos de onze anos participam, são as que estão começando. Ao meu lado estava o pai de uma das prendinhas arrumando a armada dela para que ela pudesse laçar, ele ficava por lá, a menina ia laçar e voltava para ele arrumar a armada e também recebia umas dicas do seu pai (Diário de campo, 04/11/2018).

Os exemplos descritos acima, em relação ao começo da participação das mulheres, com quem encontrei ao longo do trabalho de campo, apontam, assim como no caso das participantes de futsal da pesquisa de Silveira (2008), que a presença do pai foi crucial para que elas começassem a laçar.

Assim, é possível identificar que existem algumas características em comum entre essas mulheres que laçam (faço referência as que fizeram parte da pesquisa): a figura paterna foi fundamental para o ingresso delas nessa prática e que todas já frequentavam os rodeios antes de começarem a laçar, por assistirem outras mulheres laçando e por incentivo dos familiares iniciaram na prática do laço; muitas dessas competidoras começaram ainda criança, como no caso da Alice “comecei a laçar com 6 anos, já ia rodeio antes, e quando cresci um pouco comecei a competir” (Alice, 29/001/2019).

Contudo, mesmo havendo a modalidade de laço prenda, elas entre elas, as mulheres também participam das demais modalidades presentes nos rodeios, competindo com os homens; comparado ao número de competidores homens é um número bem menor.

No momento em que eu cheguei na arquibancada eles estavam laçando a categoria de laço Piá e após seria a de capataz. Quando começou o laço capataz notei que uma mulher estava laçando essa modalidade, foi a primeira vez que vi uma mulher laçar o laço capataz, eram mais de 30 inscritos e apenas uma mulher, mas no fim ela acabou errando a sua armada, não conseguindo vencer (Diário de campo, 18/01/2018).

O trecho acima foi extraído de uma das primeiras aproximações com o

campo da pesquisa; nesse dia, pela primeira vez, vi uma mulher disputando a modalidade do laço capataz²⁵, o que gerou surpresa e em conversa com Laura, que neste dia também estava presente nesse rodeio:

Amanda: eu vi uma mulher no capataz laçando, mas não lembro o nome.
Laura: É a Carla, ela laça bem, é bem conhecida.
Amanda: Mas não ganhou o capataz.
Laura: Tem muito cara bom laçando o capataz, não é fácil né! (Diário de campo, 18/01/2018).

Em vista que uma mulher tenha reconhecimento por outras pessoas em relação ao seu nível de competição, era muito comum escutar outras pessoas falando, assim como Laura: “ela é boa, mas tem muito cara bom laçando” (Laura, 18/01/2018). Por mais que as mulheres venham conquistando os seus espaços, elas ainda são vistas durante as competições, até mesmo por outras mulheres, como inferiores aos homens que disputam com elas, ainda hoje dentro desse espaço marcado por algumas mudanças, como a presença de mulheres na prática do tiro de laço.

Mesmo que a figura masculina seja elemento central do Movimento Tradicionalista e que isso faça com que eles tenham um destaque e uma participação muito maior no tiro de laço em relação as mulheres, já é possível observar que muitos desses homens laçam junto dessas competidoras.

²⁵Capataz é uma denominação que se refere ao vice do Patrão. A modalidade do laço capataz é destinada apenas aos capatazes das entidades tradicionalistas.



Figura 11: Dupla de Prenda e Peão

Em uma ida a um rodeio , encontrei com Luísa que estava se preparando para laçar a modalidade do laço de duplas e, diferente de outras vezes, ela faria parceria com um homem: “Ele veio me convidar, não tinha ninguém para laçar, daí aceitei, no fim deu certo: vencemos” (Luísa, 19/01/2019). Alice é outra competidora que geralmente laça com homens: “o nível deles é mais alto, parecido com o meu, mas espero eles me convidarem” (Alice, 29/01/2019). No caso da Alice não é por falta de parceiros que ela laça com quem a convida, mas sim o desempenho do competidor. Como já referido, Alice tem um nível de desempenho muito bom, que fez com que ela tenha ganho várias competições; mesmo assim ela espera por convites, pois como já relatado, alguns homens falam que “mulher não laça comigo”.

Alice é uma mulher destaque e foi uma figura muito citada durante o trabalho de campo; ela acabou por se tornar na fala de muitas pessoas como uma referência do laço feminino no Estado do Rio Grande do Sul. Isso aparece no depoimento de João, um laçador reconhecido nos rodeios, onde relata que:

Eu vejo as mulheres cada vez mais participando e se destacando, e, diga-se de passagem, como no caso da Alice, e de outras competidoras, que vem se destacando muito no cenário nacional do laço. Como eu venho falando, nós temos a Alice uma prenda que é patrocinada por empresas para laçar pelo Brasil todo (João, 16/09/2018).

Ao longo de uma conversa com um laçador, João, durante um rodeio ele acabou citando a Alice como uma das principais mulheres que competem no tiro de laço e justificando a sua afirmação, relatou que Alice é patrocinada por empresas para laçar, uma atividade que não é muito comum nos rodeios. Geralmente os competidores exercem outras funções para se manterem nas competições. Assim como José é agricultor, Luís tem um atelier de calçados, nenhum recebe algum tipo de patrocínio, mas Alice devido ao seu desempenho muito superior a de outros competidores, tanto do sexo feminino quanto ao do sexo masculino, acabou por receber patrocínios de algumas empresas para laçar.

Durante conversa com Alice, questionei-a sobre a relação que ela tem com o tiro de laço, tentando entender se para ela era uma prática de lazer, que conforme descreve Dumazedier (1973), o lazer está relacionado com as funções exercidas ditas como não obrigatórias, como uma função de divertimento. Logo que outros competidores apontavam que ir aos rodeios era a sua diversão (“Laçar é meu divertimento, assim tipo um lazer” - José, 12/12/2018), mas já como era conhecido por mim o fato dela receber patrocínio de algumas marcas para laçar, sua resposta não foi nenhuma surpresa:

Amanda: No teu caso é um trabalho ou brincadeira, uma espécie de lazer?

Alice: Não digo que é meu trabalho, mas me ajuda bastante.

Amanda: E tu trabalha ou estuda?

Alice: Não estudo, meu trabalho é divulgar marcas relacionadas com os produtos dos rodeios, ganho em cima disso (Alice, 29/01/2019).

No entanto, Alice não coloca o tiro de laço como seu trabalho, por mais que esse que o tenha promovido e tornando-a conhecida, fazendo com que ela acabasse sendo escolhida para divulgar determinadas marcas, fato bem incomum entre os participantes que encontrei durante o trabalho de campo; para ela, laçar não se encaixava entre as opções de trabalho ou lazer, mas como ajuda extra em relação a questões financeiras.

Já com as outras competidoras que tive contato, essa situação de receber patrocínio era algo muito distante da realidade delas, todas trabalhavam e estudavam, apenas Natália que era menor de idade, estudava e contava com a ajuda do seu pai para poder competir; as outras precisavam trabalhar para poder custear as despesas das competições. Algumas deixavam de competir por conta do valor das inscrições e por ter rodeio quase todo final de semana. “Não vim laçar, só assistir meu namorado, está muito caro e todo final de semana tem rodeio” (Laura, 13/01/2019). “Não consigo ir em todos os rodeios, sai muito caro e ainda estou me formando agora, sabe como é” (Diana, 16/09/2018).

Diferente de outras práticas esportivas, o tiro de laço normalmente é custeado pelos próprios competidores; são raras as exceções, como no caso da Alice, que recebe algum tipo de patrocínio. Essa questão não está apenas relacionada a participação das mulheres; com os homens isso também é comum: eles pagam para poder participar. Ao longo do trabalho de campo era muito comum ouvir falas de pessoas que relatavam que para laçar e se manter nos rodeios precisava ganhar bem, caso contrário não era possível estar competindo. “O cara tem que ganhar meio bem, tu vais laçar é uns R\$300,00 (trezentos reais) quase de inscrição, fora gasolina. Daí tem que ter o cavalo, tratar dele. Precisa de um carro bom que puxe reboque, não é bem assim para laçar não” (Luís, 13/01/2019). Assim os participantes do tiro de laço, tanto as mulheres quanto os homens, comumente iniciam e permanecem nessa prática por conta própria, o que ocorre de forma diferente em outros esportes:

Perguntei a Natália se ela tinha laçado alguma categoria, no rodeio, pois estava com roupa normal, ela me disse que laçou o laço prenda que tinham 15 meninas inscritas que o prêmio era bom, 3000,00 que parava em 3 laçadoras, perguntei se ela tinha ido bem, rindo ela me contou que pegou umas armadas, mas não deu para pegar o dinheiro. E nas outras modalidades Natália me relatou que não participou por conta do valor da inscrição, que sairia muito caro e ela já não tinha conseguido no laço prenda (Natália, 02/09/2018).

Além de se depararem com alto valor das inscrições em outras modalidades, sendo que a do laço prenda é um valor menor comparado aos outros, o não ‘ter chance’ com os outros competidores faz com que muitas mulheres

acabem participando apenas do laço prenda. Assim faz com que reduza o número de mulheres nas outras modalidades e fazendo com que o número de homens que vencem as disputas seja sempre maior que o das mulheres, visto que elas estão em número bem menor nas disputas.

A questão financeira acaba, muitas vezes, fazendo com que as mulheres não estejam participando de todas as modalidades oferecidas nos rodeios, isso também ocorre com alguns homens. Na prática do tiro de laço, diferente de outros esportes, não é um hábito comum os praticantes receberem algum tipo de patrocínio, mas pode ocorrer como no caso da Alice. Já em outros esportes mais conhecidos, como no caso do futebol, é comum haver patrocínios, mais para homens do que para mulheres.

Assim como no grupo de jogadoras de futsal observado por Silveira (2008), os pais destacavam que se suas filhas tivessem nascido homens renderiam maiores recompensas financeiras. Como ocorre na maioria dos esportes, os atletas masculinos habitualmente são melhores remunerados do que as mulheres; para os laçadores, mesmo sendo homens, é algo muito raro eles receberem algum tipo de subsídio. Apenas a eles é conferido o prêmio quando conseguem vencer alguma modalidade nos rodeios, e, na maioria das vezes, o prêmio não chega para pagar as despesas.

No decorrer das últimas páginas, fiz o esforço de tentar descrever, a partir dos dados obtidos durante o trabalho de campo, como as mulheres estão participando das provas do tiro de laço que ocorrem nos rodeios. Inicialmente destaquei que as mulheres não competiam, apenas os homens; isso foi se modificando, e a presença das mulheres durante as competições foi se fazendo presente. No começo, elas apenas participavam da modalidade do laço prenda, mas hoje estão presentes em todas, assim como no caso da mulher que estava competindo no laço capataz.

Por mais que algumas mulheres relatem que ainda exista preconceito e que alguns homens falem que não laçam com mulheres, o incentivo a elas parece vir aumentando, como relato a seguir um trecho obtido em trabalho campo:

Cheguei no rodeio e fui para a beira da cancha, estava dando o laço prendinha que é de meninas de até 11 anos, tinha apenas quatro disputando, o prêmio era para cinco ou menos. Nenhuma delas conseguiu pegar as armadas, mas as pessoas as aplaudiam como forma de incentivo (Diário de campo, 04/11/2019).

As meninas mesmo muito pequenas já começam a participar das competições, por mais que nenhuma tenha pego alguma armada, os expectadores aplaudiam como uma forma de incentivo. Sempre que eu questionava as mulheres como era a reação das pessoas não competidoras, ao descobrirem que elas laçavam, a fala delas era quase que unânime descrevendo que as pessoas achavam “muito legal” e muitas vezes queriam que seus filhos até seguissem os seus passos: “eles têm uma reação diferente quando me vêem de bombacha, uma reação de aprovação, principalmente pais e mães de crianças, querem que os filhos sigam os mesmos passos que eu” (Alice, 29/01/2019). O que se pode observar é que a distinção e até algum tipo de preconceito, quando existia, era mais vindo das pessoas que competiam.

Durante observação feita em um rodeio, a fala de um narrador²⁶, a maneira como ele se referiu aos homens e depois às mulheres, me fez pensar que aquilo era uma forma de distinguir os competidores em relação ao seu sexo:

Vinte disputavam vaga para dez, sendo que não tinha nenhuma mulher entre estes vinte. E o narrador se referia a eles como as ‘feras do laço, que ali era um zoológico, só tinha feras’ e antes dessa modalidade, quando foi o laço prenda o mesmo narrador se referia as mulheres como ‘prendinhas’ (Diário de campo, 04/11/2018).

O adjetivo dado aos homens de “feras do laço” e às mulheres de “prendinhas”, bem no diminutivo, me remete a uma passagem de Louro, onde a autora descreve que:

A linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (LOURO, 2003, p.67).

²⁶Os Narradores nos rodeios são pessoas contratados pela organização para chamarem os competidores durante as disputas.

A fala é capaz de demarcar os lugares e a forma como homens e mulheres são vistos, também lhes dando atributos, como no caso citado acima, no diário de campo: colocando os homens em lugar diferente do das mulheres, fazendo isso apenas com uso de adjetivos.

O tiro de laço é um espaço que se tem muito recorrente essas questões relacionadas ao gênero, mas que, cada vez mais, vem cedendo lugar para as mulheres, fazendo com que a participação feminina seja maior e que gere destaque a algumas, como no caso da Alice, que acabou recebendo patrocínios, caso que não ocorre com a maioria dos competidores, mesmo sendo homens. Portanto, por mais que as questões voltadas ao Movimento Tradicionalista tenham sido idealizadas por e para os homens, as mulheres já estão presentes, atuando de diferentes formas e cada vez mais interessadas pela prática do laço.



Figura 12: As mulheres que laçam

4.2 “Preciso treinar para conseguir competir com outros laçadores”

Um das falas recorrentes entre as mulheres que laçavam estavam relacionadas ao treino. Quando elas não iam bem nas competições era porque não tinham conseguido treinar; quando laçavam bem, é porque tinham treinado durante a semana para o rodeio: “Não peguei nenhuma armada, que droga, mas também nunca mais treinei” (Luísa, 16/09/2018). As mulheres com quem tive contato durante a pesquisa, geralmente faziam essa relação do seu desempenho nas competições com o número de vezes em que elas treinavam; segundo elas, quanto mais treinos, melhor laçariam.

Os treinos que acompanhei, aconteciam no Parque de rodeios da cidade de Osório, sempre às quartas-feiras, no fim da tarde e no sábado durante a tarde. Havia um responsável por organizar o treino, o dono do gado que corria nos treinos²⁷; era sempre o mesmo e já conhecido pelo pessoal que laçava, pois a alguns anos ele coordenava esses treinos. Os treinos eram abertos a todos; qualquer pessoa podia chegar no local durante o horário e colocar quantas armadas quisesse. Cada armada que era jogada nas guampas dos bois, que as pessoas que estavam ali para treinar colocavam, custava determinado valor.

Diferente dos treinos observados por Silveira (2008) e Pacheco (2012), que aconteciam de acordo com um planejamento e sob a supervisão de um treinador, os treinos para quem laçava não contava com nenhum tipo de planejamento ou alguém passando algum tipo de instrução, como um técnico. As pessoas que chegavam lá para treinar pagavam pelas armadas que colocavam, ou seja, cada vez que alguém que ia laçar precisava pagar um determinado valor e podiam laçar quantas vezes quisessem, durante o tempo do treino. Vale destacar que não acontecia nenhum tipo de competição entre os presentes; a atividade era vinculada apenas a tentar colocar a sua armada da maneira que quisesse.

Aos sábados, o número de pessoas treinando era sempre maior do que nas quartas-feiras; nesse dia, iam pessoas até de outras cidades vizinhas a Osório

²⁷ A expressão gado que corre no treino refere-se aos animais que são utilizados para laçar.

treinar. Em média, tinha de trinta a quarenta pessoas treinando. O número aumentava quando não tinha rodeio no final de semana. Os que estavam lá treinando, relatavam como faziam para se preparar para os rodeios: “Vim dar um treino, tem rodeio daqui uns dias, to sem laçar a égua parada, preciso me preparar” (José, 01/12/2018).

O número de mulheres que eu encontrava nos treinos era muito baixo, de três a quatro, sempre as mesmas e geralmente elas só treinavam aos sábados. Numa ida a um treino na quarta-feira, não encontrei com nenhuma mulher treinando, apenas Renata a mulher do organizador, que não laçava, mas lá estava para ajudá-lo.

Conforme me relatou Renata, “as gurias geralmente não vêm durante a semana, elas trabalham, umas tem aula, daí fica mais difícil”. Após eu afirmar que conhecia a Laura, que costuma comparecer aos sábados, Renata respondeu: “sim, mas a Laura não está todos os sábados... tipo... uns caras que vem sempre, as gurias não (Diário de campo, 12/12/2018).

A menor infreqüência das mulheres aos treinos, em relação aos homens, principalmente durante a semana, justificava-se por conta dos compromissos de trabalho e até de estudo. Para os homens o treinamento era levado mais a sério em relação as mulheres. Muitos trocavam horários de trabalho para poder estar lá; faziam isso nas suas folgas, diferente das mulheres com quem encontrei.

Apesar disso, durante os treinamentos em que acompanhei, a cobrança por um bom rendimento também era muito recorrente. Algo semelhante foi encontrado por Pacheco (2012), em estudo sobre voleibol. Nos treinos que a autora acompanhou o espaço/tempo de lazer – assim como no tiro de laço feminino - era caracterizado por uma certa seriedade e uma cobrança por um bom rendimento. Não raramente, no fim dos treinos, aquelas que participavam faziam uma espécie de balanço do seu rendimento: “coloquei umas sete armadas no treino, mas peguei só quatro” (Luísa, 17/11/2018); “não treinei muito hoje, mas faz tempo que não vinha o gado não está bom” (Laura, 17/11/2018). A cobrança por um bom rendimento durante os treinos era habitual. Laura e Luísa, as mulheres com quem encontrei nos treinos, eram de comum acordo ao afirmar que “como vou ir bem no rodeio, se mal

consegui pegar uma armada no treino” (Laura/ Luísa, 17/11/2018). O rendimento nas competições dependia, de acordo com elas, muito da forma de como elas se saíam nos treinos.

As mulheres eram unânimes ao falar de uma laçadora em específico, a Alice: “A Alice, frequentadora assídua dos rodeios, na quinta-feira ela já está laçando e quando não está, ainda treina” (Luísa, 09/01/2019). “Alice vive do laço, só o que faz, ela já é treinada” (Laura, 09/01/2019). Tanto para Luísa quanto para Laura, Alice se destacava de todas as outras pelo fato de estar sempre competindo e os dias que não estava nos rodeios ainda treinava, isso fazia com que ela estivesse muito mais preparada do que elas e muitas outras mulheres que laçavam, mas que não podiam se dedicar tanto assim ao laço. Em conversa com Alice, ao questioná-la se treinava, ela respondeu da seguinte forma:

Amanda: Tu fazes algum tipo de treino?

Alice: Eu sempre estou nos rodeios, todo final de semana, já chego em casa e preciso arrumar as coisas para sair, mas quando dá tempo treino sim.

Amanda: O treino faz diferença durante as competições?

Alice: Acredito que sim, ainda mais para quem não laça sempre (29/01/2019).

Assim, o capital esportivo, materializado na capacidade de laçar bem ou não, está relacionado diretamente com a prática constante do tiro de laço. Quanto mais laçar, melhor vai se sair a laçadora e o treino acaba servindo como um auxílio no tempo em que não se tem competições, como no caso da Alice - quando não está em rodeios ela treina para manter-se bem. No entanto, Alice acabou tornando-se quase que uma exceção entre as mulheres, dedicando-se quase que exclusivamente ao tiro de laço, fato que é mais comum entre os homens. As mulheres que laçam, e eu acompanhei, relatavam ter outras funções que as impediam de estarem sempre treinando ou até indo aos rodeios. Já os homens colocavam o tiro de laço como uma de suas prioridades.

Diferente de muitos dos homens, que encontrei treinando em suas horas vagas, as mulheres apresentavam dificuldades em conseguir um tempo livre para estarem presentes nesses treinos por conta de jornadas duplas/triplas de trabalho. Conforme o PNUD (2017), as mulheres ainda passam por alguns problemas

referentes ao acesso a algumas oportunidades em relação aos homens. Algumas dessas dificuldades se encontram no tempo livre para praticarem atividades voltadas ao lazer.

Ao longo do trabalho de campo, observei algumas questões que me causaram questionamentos. Uma destas foi durante a competição das outras modalidades existentes nos rodeios, onde as mulheres estavam competindo junto dos homens. E durante todas as observações que fiz, nas modalidades que não eram laço prenda, nenhuma mulher tornou-se campeã. Os homens sempre se tornavam campeões. Durante algumas conversas e ao longo das entrevistas levantei essa questão para as mulheres:

Amanda: Nos rodeios que fiz observação sempre se tinha apenas homens ganhando a modalidade de duplas, não presenciei nenhuma mulher vencendo. Por que os homens geralmente se destacam mais que as mulheres?

Alice: Maioria dos homens, se dedicam mais, tem mais vontade, eles têm um corpo mais preparado, tem que treinar para tentar chegar perto do nível deles (29/01/2019).

Luísa: Eles façam mais vezes, treinam mais, tipo eu laço quando dá, eles estão em todos os rodeios (09/01/2019).

Laura: Para tu laçar, laçar para ganhar tem que praticamente viver de rodeios, sempre treinar (09/01/2019).

Portanto, para essas mulheres que acompanhei e tive contato ao longo do trabalho de campo, o treino era tido por elas como um elemento central para o seu rendimento durante as competições. Elas também colocaram o treinamento como um dos fatores que dão aos homens um capital esportivo maior que o delas, justificando que eles teriam mais tempo para treinar e se dedicar ao tiro de laço do que elas, pois de acordo com as competidoras, elas tinham outras prioridades, como no caso da Laura, que estava fazendo faculdade e não conseguia ir aos treinos por estar em aula. Assim, quanto mais se praticasse o tiro de laço, mais se ia a rodeios e mais conseguisse treinar, melhor seria o desempenho durante as competições.

4.3 “Existe amizade sim, mas tem as de nariz empinado”: a rivalidade entre as competidoras

Estava conversando com as gurias, as que laçam, na reunião, era só eu e elas, conversando sobre roupas. Daí uma começou a falar da roupa de uma outra guria que também laçava, eu não conhecia, mas fiquei escutando.

Katia: Ela parece um homem, olha como ela se veste.

Laura: Mas de homem não tem nada né, pobre do namorado dela.

Amanda: Quem é essa?

Laura: É a Tati, lá do Xangri-lá, tu deves ter visto já.

Amanda: Vi sim, lá no rodeio em Imbé. Ela que ganhou o laço das prendas.

Katia: Sim e não quis dividir com as outras gurias! (Diário de campo, 05/12/2018).

Escolhi iniciar esse tópico com esse trecho do diário de campo, porque foi onde comecei a reparar na questão da rivalidade que existia entre as mulheres que laçavam. Já havia escutado, outras vezes, algumas das mulheres que acompanhei se referindo a outras que também laçam de uma forma depreciativa, apontando para a maneira como se vestiam, parecendo segundo elas, como homem, com quem se relacionavam, mas achavam aquilo irrelevante até presenciar essas falas e dar por conta que o motivo delas existirem era pelo fato dessa menina não dividir o prêmio de um rodeio.

Todas as modalidades existentes nos rodeios, têm uma premiação normalmente em dinheiro que é distribuído entre as três primeiras colocadas. Ao longo do trabalho de campo, presenciei, muitas vezes, a divisão desses prêmios entre as competidoras. Acontecia da seguinte forma: se apenas três eram premiadas em primeiro, segundo e terceiro lugar, sendo que cada lugar era um determinado valor, as competidoras quando estavam em quatro ou até cinco mulheres, paravam o laço e conversavam para juntar o dinheiro do primeiro, segundo e terceiro lugar e dividir igualmente entre elas, mas o que algumas vezes ocorria era de uma delas discordar e a divisão não acontecer. Era necessário que todas concordassem para que pudesse ser dividido.

Em todas as modalidades que aconteciam nos rodeios, existia a possibilidade do racha, mas todos os competidores deveriam estar de acordo sendo

mulher ou homem. Durante algumas competições pude verificar em relação aos homens era algo comum e não despertava nenhum tipo de rivalidade ou comentários entre eles. De acordo com José: “Tem umas trinta duplas de caras bons laçando, não é fácil ganhar todo rodeio, qualquer um desses pode ganhar” (Diário de campo, 13/01/2019). É possível verificar a partir da fala de José que o número de homens bons laçando em um rodeio é relativamente alto, diferente do que acontece com as mulheres, onde poucas conseguem se destacar e estar em um alto rendimento do tiro de laço.

Essa relação com um número maior de competidores masculinos que se destacam e tem um bom rendimento em relação as mulheres, pode ser um fator que seja relevante para que a rivalidade entre os homens não seja algo comum (no caso do “racha”), pelo menos durante as minhas observações. Já no caso das mulheres, como já citado, poucas se destacam e geralmente as mesmas sempre vencem o laço das prendas, fazendo com que essas não queiram dividir a premiação com outras, pois acreditam possuir uma maior chance de vencerem sozinhas.

O não dividir acabava gerando algumas rivalidades entre as competidoras. Geralmente as que não queriam fazê-lo eram as consideradas com um melhor desempenho, as que geralmente ganhavam as competições: “A Tati não dividiu no rodeio de Imbé, só porque laçava melhor do que as outras meninas” (Katia, 05/12/2018).

Algumas dessas competidoras já eram conhecidas por outros que laçavam, não só por se destacarem nas competições, mas também por essa questão de não dividir premiação com outras mulheres, principalmente quando julgavam serem melhores.

Ao chegar no rodeio fui diretamente para a cancha de laço, onde naquele momento estavam disputando a modalidade do laço de prendas, na hora em que cheguei elas já estavam na final, fui para o corredor na tentativa de falar com alguma delas, mas todas que ainda estavam na disputa não paravam na beira da cerca iam direto para o brete de solta, todas com expressão séria, parecia que estavam muito concentradas, me pareceu típico de quem estava em uma situação como aquela de disputa. Eram quase 30 meninas que disputaram o prêmio que era para três ou menos ganhadoras. Quando ficaram quatro meninas disputando, três

queriam dividir o prêmio, mas uma não quis e daí tiveram que continuar laçando até uma delas errar. Neste momento eu já havia voltado para a arquibancada e me sentei ao lado de José que estava assistindo.

José: Quem não quis dividir com as outras três foi a Tati, ela laça muito, sabe que vai ganhar das outras meninas que não são tão laçadeiras.

Amanda: Falaram que foi a Tati?

José: Sim, os caras aqui do lado estavam comentando. As pessoas sabem que ela não divide, a não ser que tenha alguma melhor que ela e não tem (Diário de campo, 04/11/2018).

Assim como Tati era conhecida pelos outros competidores por não dividir o prêmio com mulheres que ela julgava laçar menos do que ela, existiam outras que laçavam que também eram conhecidas por esse mesmo motivo. A não divisão de prêmios era algo recorrente e que acabava provocando algumas inimizades entre competidoras:

Existe amizade entre nós que laçamos, mas sempre tem as que são nariz em pé. Já presenciei briga nos rodeios, principalmente em rodeio Grande. Quando tem gente que quer rachar e o pessoal não quer rachar da briga mesmo, até discussão (Laura, 09/11/2019).

O “rachar” tornou-se uma prática comum entre todos competidores do tiro de laço. Existe premiação até determinada posição e pode variar de rodeio para rodeio, mas é comum ver os competidores na final quando restam poucos, pararem para conversar e entrar em acordo, onde o dinheiro acaba sendo dividido entre mais pessoas. Essa prática muito se dá pelo fato dos competidores já se conhecerem e por se encontrarem quase todos os finais de semana nos rodeios. Quando esse “racha” não ocorre, acaba gerando conflitos.

O alto custo para se participar do tiro de laço, acaba fazendo com que muitas das competidoras necessitem das premiações para continuarem competindo. A não divisão das premiações, quando possível, gera discórdia entre competidoras porque em muitos casos algumas necessitam desse dinheiro, conforme destaca Alice, uma das competidoras entrevistadas:

Amanda: Existe algum tipo de rivalidade entre as prendas?

Alice: Sinceramente, eu não tenho com ninguém, mas tem meninas que tem com outros sim.

Amanda: Não dividir a premiação seria um motivo para criar rivalidades?

Alice: Sim, maioria das vezes cria, mas as vezes têm pessoas que precisam do prêmio e as outras não entendem e usam como tipo de

brincadeira e outras como necessidade (29/01/2019).

Assim como outras competidoras citaram, a não divisão dos prêmios é um dos principais motivos para que se tenham rivalidades entre competidoras. De acordo com Alice, muitas das competidoras estão no tiro de laço como uma forma de “brincadeira”, tendo condições para se manterem. No entanto, outras necessitam do dinheiro para continuarem nessa prática.

Como em tantos outros esportes, o tiro de laço é um espaço de competição, onde algumas pessoas acabam tendo um maior destaque em relação a outras, só que diferente de outros tipos de competições, os praticantes do tiro de laço, em sua maioria, não recebem nenhum tipo de apoio. Difícilmente esses competidores conseguem se manter com o que ganham laçando, e quando ganham, muitas vezes não chega para arcar com os gastos no rodeio.

Assim, quando existe uma chance de conquistar alguma premiação, as competidoras acabam levando isso muito a sério; quando o não “rachar” ocorre, acaba gerando desentendimentos que não ficam apenas naquele momento, fazendo com que algumas competidoras não consigam se relacionar ou criar algum vínculo de amizade. Assim cria-se rivalidades, onde algumas competidoras passam a depreciar outras, até mesmo pela maneira como elas se vestem.

Ao longo desse capítulo procurei apresentar, através de dados obtidos no trabalho de campo, além da maneira como as mulheres começaram nas competições do tiro de laço, a relevância, de acordo com elas, dos treinos para que elas pudessem ter um desempenho melhor durante as competições e também, nessas últimas páginas, as rivalidades que se criam entre elas pela não divisão das premiações. Desse modo, foi possível observar que as mulheres estão cada vez mais se preparando e buscando meios para que possam competir de igual com todos.

CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas últimas páginas pretendo apresentar algumas questões que contribuem para o entendimento desta pesquisa. Não é uma forma de finalizá-la, pois acredito que mesmo que um trabalho chegue ao fim, ele, de certa forma não se encerra. Quando saímos do campo não é porque os dados se esgotaram e não temos mais o que observar, mas porque chega o momento em que precisamos olhar para o que já possuímos e com tudo isso precisamos construir um trabalho.

Este trabalho buscou entender como acontece a participação das mulheres no tiro de laço, uma prática dita masculina que acontece em rodeios pelo Rio Grande do Sul. Um dos obstáculos enfrentados ao realizar esse estudo, estava relacionado aos poucos trabalhos relacionados a esse campo. Mesmos que estudos que tratem de mulheres no esporte já seja algo relativamente tratado, mulheres que praticam o tiro de laço é um tema sobre o qual não encontrei estudos.

Desta forma, a escolha por realizar uma pesquisa nos rodeios surgiu, inicialmente, pela minha proximidade com esse contexto. Ao frequentar os rodeios, percebi que ali era um campo onde várias questões mereciam ser observadas mais a fundo. Assim, após iniciar leituras voltadas ao Movimento Tradicionalista Gaúcho deparei-me com pouco material de apoio relacionado a este tema, sendo esse um dos fatores determinantes para a escolha desse campo de pesquisa.

Para realização de tal pesquisa, escolhi utilizar a etnografia, essencial para que eu pudesse estar acompanhando e vivenciando situações que ocorriam no cotidiano das pessoas que frequentavam os rodeios.

Foram 13 meses em que permaneci em campo, entrei com uma proposta totalmente diferente daquela com a qual saí. Acredito que a pesquisa etnográfica nos oportuniza viver experiências que nos inquietam e nos causam indagações, como a que me ocorreu. Inicialmente não estava intencionada em realizar uma pesquisa que estivesse relação com questões voltadas ao tema 'gênero'. Mas as indagações que foram surgindo durante a pesquisa, me levaram a estudar a participação das mulheres nos rodeios, em especial na prática do tiro de laço. A partir disso, a presença no campo e minhas primeiras observações, conduziram a

me debruçar sobre as questões relacionadas ao gênero.

Em relação as questões voltadas ao gênero, este conceito passou por algumas modificações quanto ao seu entendimento. No começo, o termo gênero estava relacionado com questões biológicas, porém essa perspectiva mudou e algumas autoras passaram a defender que a questão de gênero está vinculada a maneira como os indivíduos reproduzem determinados comportamentos, de acordo com a sociedade na qual eles estão inseridos.

Assim, o início do trabalho de campo foi um momento onde comecei a me aproximar das pessoas que frequentavam os rodeios, competidores, familiares e mulheres. Mesmo sendo frequentadora assídua nos rodeios, não tinha proximidade e contato com muitas pessoas que frequentavam aquele ambiente e, como em todo trabalho etnográfico, também precisei me aproximar dos 'nativos'. Para isso, inicialmente, tive a ajuda do José, um competidor que estava presente em quase todos os rodeios que aconteciam no Litoral Norte/RS e conhecia algumas competidoras e as regras sobre o funcionamento desses eventos.

Durante as minhas primeiras aproximações com o campo de pesquisa, a proposta inicial era como o universo dos rodeios se constituía como um tempo/espço de lazer. Isso não deixava de ser um tema relevante a ser pesquisado; a partir das minhas primeiras atividades 'de campo', esse tema deixou de me motivar e não me causou estranhamento e questionamentos mais significativos. Naquele momento, o que me levou a estranhamentos foi a maneira como as mulheres estavam participando de uma prática dita masculina, o tiro de laço. Isso porque, nessas primeiras aproximações deparei-me com várias competidoras assumindo papéis que antes apenas eram destinados aos homens. Como o cargo de patrão, que em uma situação, estava ocupado por uma mulher, a 'patroa'.

Ainda que o foco principal desse estudo fossem mulheres, para estar perto destas, precisei acompanhar outras pessoas que circulavam nos rodeios. A pesquisa então acabou por não ser realizada apenas com um grupo específico, mas com diversas pessoas que participavam da mesma prática esportiva e circulavam pelos rodeios.

Dessa forma, para o entendimento dessas questões, precisei

primeiramente compreender como as mulheres participavam do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Para isso trouxe no capítulo um, elementos que contextualizaram a construção desse movimento e a idealização do tiro de laço e a maneira como ele é praticado, seguindo até nos dias de hoje as tradições ‘criadas’ já há algum tempo. Sendo assim, pude constatar que a identidade gaúcha foi marcada pela figura dos homens; o Estado do Rio Grande do Sul era lembrado apenas pela imagem do gaúcho e suas conquistas, o que o constituiu como elemento central das tradições do Estado, colocando as mulheres em segundo plano. O material que pesquisei mostrou que somente alguns anos após a criação do primeiro CTG, a participação da mulher começa a ser idealizada.

Ainda no primeiro capítulo, junto dessas questões voltadas às tradições gaúchas, busquei realizar uma síntese sobre o conceito de gênero. Sendo que inicialmente as diferenças entre mulheres e homens eram vistas a partir da biologia. Contudo, percebeu-se que a divisão dos papéis entre mulheres e homens não se dá, somente, por essas questões biológicas, mas sim em relação à construção social. Finalizando esse tópico trago algumas questões sobre a participação das mulheres em práticas esportivas.

Ao longo do trabalho de campo, algumas questões foram surgindo, como as apresentadas no capítulo três. Por mais que o foco da pesquisa fosse sobre as mulheres que participavam do tiro de laço, não tive como não olhar para as mulheres que estavam participando dos rodeios, embora em muitas situações não competiam.

Como já citado algumas vezes ao longo do trabalho, os homens estavam em número maior em relação às mulheres dentro da competição. No entanto, isso não queria dizer que a presença deles nos rodeios também fosse maior do que a das mulheres. Não que eu pudesse contabilizar quantas mulheres e quantos homens estavam presentes naquele espaço, mas era perceptível ao longo das observações que as mulheres tinham uma maior presença, mesmo não competindo. O que elas faziam ali?

Foi sobre isso que procurei tratar ao longo do capítulo três: as diferentes formas das mulheres participarem dos rodeios. Analisando o início da participação

feminina no Movimento Tradicionalista Gaúcho, percebi que às mulheres eram destinadas tarefas ditas femininas, as tarefas domésticas, como a de cozinhar e até de 'cuidar do marido'. Mesmo estando lá para cozinhar, as mulheres foram desempenhando outras atividades, como a de torcedoras. Além de torcerem, estavam lá para registrar, através de fotos e filmagens, os seus familiares no momento das disputas.

Outra questão observada em relação a participação das mulheres nos rodeios, foi o mercado de produtos destinados a elas. Eram diversas peças e marcas relacionados à rodeios voltadas especificamente para as mulheres. Se no início do Movimento Tradicionalista o homem era a figura principal, podemos ver que hoje isso já não é mais pensado dessa forma, sendo que a participação das mulheres nesse espaço vem crescendo de tamanha forma que algumas empresas foram sendo criadas para atender a demanda feminina nos rodeios gaúchos.

Antes das mulheres participarem do tiro de laço, elas se faziam presentes nos rodeios, mas participando de outras formas, como já mencionado. Essas outras formas de participação feminina acabaram sendo tratadas no capítulo três. Por estarem nos rodeios e não laçando, foi uma maneira de incentivo a algumas mulheres para iniciarem nessa prática. Algumas dessas com quem tive contato, relataram-me que a vontade de começar a laçar se deu muito por estar em rodeios e ver outras mulheres competindo

O último capítulo de análises, o capítulo quatro tratou sobre a participação de mulheres no tiro de laço, como já referido, uma prática dita masculina. A partir do depoimento de alguns competidores, apesar de eu não ter encontrado registros sobre isso, o tiro de laço quando iniciou contava apenas com a participação de homens. Esses participantes eram, em sua maioria, moradores da zona rural do Estado, pessoas que trabalham no campo lidando com gado e já acostumados a andar a cavalo. Inicialmente o tiro de laço era uma prática 'campeira', quase que a continuidade da vida do trabalho no campo. Com o crescimento dessa prática, ela foi se diferenciando, e se constituindo numa prática competitiva. Nesse contexto, pessoas não necessariamente vinculadas 'ao campo' passaram também a realizar essa prática, assim como as mulheres, mais recentemente.

Dentro desse capítulo algumas questões relacionadas à participação das mulheres no tiro de laço foram surgindo. Assim como a maneira como as mulheres praticantes do tiro de laço foram iniciando nessa prática. Nos discursos das competidoras pude identificar que a relação da família, principalmente com o pai, foi essencial para que essas mulheres começassem a laçar. Todas as mulheres com quem tive contato ao longo da pesquisa, os seus pais eram laçadores.

Embora o pai fosse um elemento importante para a iniciação dessas mulheres no tiro de laço, outros também foram necessários para iniciação de outras mulheres nessa prática em questão, como estar circulando pelo ambiente dos rodeios e ver outras mulheres competindo. Por mais que o foco das observações não fosse referente à iniciação dessas mulheres, nessa prática em particular, a entrada delas no tiro de laço e os motivos que fizeram com que essas mulheres começassem a laçar, era fato recorrente em suas falas. Isso demonstra a importância de ver outras mulheres laçando e o apoio vindo de suas famílias para que elas pudessem estar ali.

Em relação a questões de preconceito, verifiquei, a partir da fala das competidoras, que existia, mas dependia do nível de rendimento destas. As que laçavam pouco, ou seja, não ganhavam competições e não ofereciam riscos aos homens competidores, relataram não sofrer preconceito por ser mulher e estar laçando. No entanto, as competidoras com um bom rendimento no tiro de laço, que frequentemente ganhavam competições nos rodeios, explanaram que em algum momento já escutaram homens falando que não laçariam com elas. Assim é perceptível que as mulheres eram aceitas nesse espaço, sem nenhum tipo de comentário ofensivo, desde que não fizessem sombra aos homens que estavam laçando.

Outros pontos identificados nesse contexto, foi a questão do treinamento e a relação de rivalidade entre as mulheres que competiam. As mulheres do tiro de laço consideravam que para conseguir ter um bom desempenho era necessário treinar, mas que muitas vezes elas não conseguiam, diferente dos homens, que conseguiam treinar mais do que elas, tornando-se esse um dos motivos para que eles tivessem um desempenho melhor do que o delas. Muitas apontavam que a

dificuldade para treinar se dava pela falta de tempo livre por conta de atividades relacionadas ao trabalho, estudos e cuidados com a casa. Segundo percebi, os homens pareciam ter um tempo livre maior para os treinamentos; colocavam o tiro de laço como uma das suas principais atividades. Nem todos os homens que estavam ali estudavam e alguns conseguiam ter um horário flexível no trabalho, o que facilitava a presença nos treinos.

Essa questão sobre a pouca participação das mulheres durante os treinos, ressalta as diferenças existentes entre homens e mulheres 'no acesso ao lazer'. Os homens destinam seu tempo livre a realizar práticas de lazer, já as mulheres, em grande parte, destinam o seu tempo livre para as atividades domésticas. As mulheres ainda vivenciam grandes dificuldades de acesso a oportunidades em relação aos homens, e em questões relacionadas as práticas de lazer isto não ocorre de forma diferente.

Nas questões relativas à rivalidade entre as competidoras, era motivada principalmente pela não divisão de prêmios nas competições. Isso acabava por gerar diversos comentários, dentro de grupos contra outras competidoras, e também culminava em inimizades naquele espaço. Diferente do que acontecia com os homens, onde não se encontrou nenhuma desavença ou inimizades, essa questão da rivalidade, tendo como principal motivo a não divisão da premiação, era algo recorrente entre as mulheres, já que no caso delas poucas competidoras se destacavam nessa prática. No caso dos homens o número de competidores que se destacavam era alto, fazendo com que a divisão dos prêmios fosse algo comum entre eles, não gerando nenhuma desavença por esse motivo como ocorria com as mulheres. Para os homens, era melhor dividir a premiação que recebiam do rodeio entre os que chegavam na final, o que os garantia uma parte do prêmio, pois com tantos competidores bons, era difícil saber quem iria vencer.

Eu poderia ter permanecido por mais tempo realizando observações, encontrando com outras pessoas, me aproximando de novas histórias, mas em todas pesquisas chega um momento em que precisamos nos afastar, pois primeiramente temos prazos a cumprir; posteriormente temos objetivos a alcançar ao realizarmos tal trabalho.

A minha pesquisa iniciou com uma discussão sobre o universo gaúcho, os trabalhos que vi, inicialmente, mostraram-me a ausência das mulheres dentro desse contexto tradicionalista gaúcho. Sendo que quando o primeiro CTG foi criado, o CTG 35, as mulheres não participavam, as reuniões contavam apenas com homens. A presença delas passou a ser idealizada algum tempo depois, sendo que inicialmente as mulheres realizavam algumas funções, como a de ser par dos homens nas danças tradicionalistas recém-criadas. Assim a mulher passou a fazer parte desse espaço, que antes era destinado apenas aos homens. Deste modo, o que pretendo com esse estudo é mostrar que as mulheres vêm, sim, ocupando diferentes espaços dentro dessa cultura tradicionalista gaúcha. Como foi apresentado ao longo do trabalho, elas estão presentes inclusive numa prática 'dita masculina', o tiro de laço.

Para que eu pudesse compreender de perto e de dentro como as mulheres participam do tiro de laço, a pesquisa etnográfica foi primordial. Através dela, pude estar próxima de competidoras e de outras pessoas que circulam pelos rodeios, visualizando a maneira como elas estavam participando de um espaço antes ocupado apenas por homens. Por mais que algumas questões tenham sido aqui tratadas, vejo que outras tantas poderiam ter sido analisadas; assim não coloco nessa finalização um encerramento, mas sim, algumas constatações que podem provocar outras a partir de outros olhares.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BECKER, Gabriela Liedtke. **Representações de Gênero no Tradicionalismo Gaúcho**. Trabalho apresentado no IV Diálogos do PET, Universidade Federal do Paraná, 2010.

COSTA, Luiz Carlos B. **Tiro de laço: origem e função cultural do Rodeio Crioulo**. Lorigraf, Caxias do Sul, 2012.

COSTA, SIMONE P. **Rodeios e Vaquejadas: o processo de construção de um novo esporte**. Comunicação apresentada no GT Esporte, Política e Cultura, durante o XXVI Encontro Anual da ANPOCS, 2002.

CUNHA, Lília Sabrina. KARAWEJCZYK, Tamara Cecilia. **Mulheres na gestão de ctg's: o perfil das patroas no Rio Grande do Sul**. Salvador BA: UCSal, 8 a 10 de outubro de 2014, ISSN 2316-266X, n.3, v. 8, p. 195-21

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?**. Educação em Revista (UFMG. Impresso), p. 241-267, 2007

DALMORO, Marlon, NIQUE, Walter Meucci. **Tradição Mercantilizada: Construção de Mercados Baseados na Tradição**. RAC, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, art. 3, pp. 327-346, Maio/Jun 2016.

DAMO, Arlei Sander. **A dinâmica de Gênero Nos Jogos de Futebol A Partir de uma Etnografia**. Niterói, v. 7, n. 2, p. 137-152, 1. sem. 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e sociedade**. In: DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 19-50.

DUTRA, Claudia Pereira. **A prenda no imaginário tradicionalista**. 2002, Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://www.paginadogaicho.com.br/tese/prenda.htm> Acesso em: 25/03/2018

FALCÃO, José Luiz Cirqueira; SARAIVA, Maria do Carmo. **Práticas Corporais no Contexto**. Gráfica e Editora Copiart Ltda, Tubarão SC, 2009

FERNANDES, Vera ; MOURÃO. Ludmila; Goellner, Silvana Vilodre; GRESPAN, Carla L.. **Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras**

de boxe e MMA. Revista da Educação Física (UEM. Impresso), v. 26, p. 367-376, 2015.

FIGUEIRA, Márcia L. Machado; GOELLNER, Silvana V. **Quando você é excluída, você faz o seu”: mulheres e skate no Brasil.** *Cadernos pagu* (41), julho-dezembro de 2013

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso:** pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 10, 1998.

FOOTE-WHYTE, W. **Treinando a observação participante.** In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). *Desvendando máscaras sociais.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.p.77-86.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOELLNER, Silvana V. **A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40.** Movimento (Porto Alegre) *JCR*, Porto Alegre, v. 13, p. 61-70, 2000.

GOELLNER, Silvana V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n.2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana V. **Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico.** Movimento (Porto Alegre) *JCR*, v. 13, p. 171-196, 2007.

GOMES, Fernanda Santos. **A construção da identidade gaúcha: Relações entre ensino de história e Movimento Tradicionalista Gaúcho.** 2015. (Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

JAEGER, Angelita Alice. **Gênero, mulheres e esporte.** Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, janeiro/abril de 2006.

LARAIA, Roque B. **Cultura: Um conceito Antropológico.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor, 1986.

LESSA, Barbosa. **Nativismo, um fenômeno social gaúcho.** Porto Alegre, Editora da cidade, 2008.

LOURO, Guacira L. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 101-132, 1995.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6a. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 01. 179p.

LUVIZOTTO, Carolina Kraus. **As tradições gaúchas e a sua racionalização na modernidade tardia**. Editora UNESP Cultura Acadêmica, São Paulo, 2010.

Maciel, M. E. **Churrasco à Gaúcha**. In: Montebello, Nancy P.; Collaço, Janine H.L..(Org.). *Gastronomia: Cortes e Recortes II*. Brasília: SENAC, v.2, p. 97-11, 2008.

Maciel, M. E. **Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul**. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. V. 07. N. 18, out./nov. de 2005

MARCUS, George, E. Etnografia en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, v. 11, n. 22, jul./dic., 2001, p. 111-127 Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa Distrito Federal, México.

MEYER, Dagmar Estermann. **TEORIAS E POLÍTICAS DE GÊNERO: fragmentos históricos e desafios atuais**. Revista Brasileira Enferm, Brasília (DF) 2004 jan/fev;57(1):13-8.

MYSKIW, M. **Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre**. 2012. 415 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/67002> Acesso em: 20/03/2018

NETO, Guilherme Howes. **De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo**. 2009, X.f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2009. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/344508955/NETO-Guilherme-Howes-de-Bota-e-Bombacha> Acesso: 17/04/2018 em:

OLIVEN, Ruben George. **A fabricação do gaúcho**. Ciências sociais hoje, 1984. Anuário de antropologia, política e sociologia. São Paulo, Cortez.

OLIVEN, Ruben George. **A parte ao todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis/RJ. Ed. Vozes, 2006.

OLIVEN, Ruben George. **Em Busca do Tempo Perdido: O Movimento Tradicionalista Gaúcho**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Rio de Janeiro. p. 40-51, 1991. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_03.htm. Acesso em: 07/07/2018

PACHECO, Luis Orestes. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. 2003, Dissertação (Mestrado em educação), Programa de pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3707> Acesso em: 15/03/2018.

PACHECO, Ariane Correa. **É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO? o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol** dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13800>. Acesso em: 16/04/2019

Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas, – Brasília; PNUD, 2017.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar Barcellos (orgs). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008

SAOUTER, Anne. **A mamãe e a prostituta. Os, as mulheres e o rugby**. Revista Movimento Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 37-52, maio/agosto de 2003.

SILVEIRA, Raquel. **Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino**. 2008, x dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13800>. Acesso em: 14/05/2018

SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernoscedes. n. 48, ago. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010121999000100004&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 26/07/2018.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1989.

SCOTT, J. **História das mulheres**. In: BURKE, P. (org) **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), 2002. - (Coleção Educação Física e Esportes).

STIGGER, Marco Paulo; MYSKIW, Mauro; SILVEIRA, Raquel. **Estudos ‘no lazer’ e contribuições do grupo de estudos socioculturais em educação física**

(gesef/ufrgs).

WENETZ, Ileana Marco Paulo Stigger. **A Construção do Gênero no Espaço Escolar.** Movimento Revista da Escola de Educação Física- UFRGS. 2006.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** Campinas: Papirus, 1998.